

COLEÇÃO PLANO CAMPONÊS VOLUME V

JUVENTUDE CAMPONESA DO MPA

A AÇÃO GERA ORGANIZAÇÃO

 Ψ

ORGANIZAÇÃO: RAFAELA ALVES E MATEUS QUEVEDO

Candiota, RS - 2019

08/10/2019 05:35:05



A **Coleção Plano Camponês** é realizada pelo projeto "Construyendo Soberanía Alimentaria en Brasil a través del fortalecimiento del movimiento campesino brasileño y de su articulación con el movimiento indígena, de mujeres y de jóvenes".

Expediente do Volume V:

Organização: Rafaela da Silva Alves (SE) e Mateus Meneses Quevedo (RS) Revisão: Frei Sérgio Antônio Görgen | Ilustração da capa: Gabriel Amorin |

Diagramação: Marcos Antonio Corbari

Autores: Rafaela da Silva Alves (SE), Mateus Menezes Quevedo (RS), Luiz Carlos Souza (RO), Alessandro Medeiros (RO), Fernanda da Luz (PI), Francisca das Chagas Silva França Sousa (PI), Sandi Xavier (RS), Henrique Silva Lima (SE), Jose Fernando da Silva (AL), Nayra Menezes (SE), Francisca Silva Santos (BA), Mateus Ytalo (PA), Mateus Ferreira (PB) e Vinícius Tuchtenhagen Goldas (RS).

Edição: Instituto Cultural Padre Josimo - Candiota - RS

Fone: (55) 3281-4820 | www.padrejosimo.com.br

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

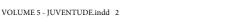
Site: www.mpabrasil.org | Facebook: mpacampesinato

Impressão: Gráfica Instituto de Menores - Bagé - RS

Fone: (53) 3240 3650 | www.imenores.com.br

Ficha catalográfica:







SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO |05| APRESENTAÇÃO DO VOLUME V |07| CORDEL DA JUVENTUDE CAMPONESA |09|

BLOCO I: JUVENTUDE NO MPA |13|A JUVENTUDE CAMPONESA: DE-FINIÇÕES, PAPÉIS E PERSPECTIVAS |13| NOVA GERAÇÃO CAMPONE-SA|22| BRIGADAS DE JUVENTUDE: UM PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO NO MPA|27|CARAVANA NACIONAL DE LUTA CAMPONESA 'CLODOMIR DE MORAIS'|43|

BLOCO II – AGITAÇÃO E PROPAGANDA | 53 | AGITAÇÃO E PROPAGANDA NO MPA | 53 | DA CULTURA POPULAR À COMUNICAÇÃO E À AGITAÇÃO E PROPAGANDA | 58 | LUTA DE CLASSES E A ESTÉTICA CAMPONESA NA AGITAÇÃO E PROPAGANDA | 65 | POESIA, POEMA, LUTA E RESISTÊNCIA | 69 | A MÚSICA NA AGITAÇÃO E PROPAGANDA CAMPONESA | 74 | TEATRO CAMPONÊS POPULAR | 78 |

BLOCO III – TEMAS PARA ESTUDO E DEBATES | 83 | A JUVENTUDE CAMPONESA NA CONSTRUÇÃO DO PLANO CAMPONÊS | 83 | JUVENTUDE FEMININA CAMPONESA NO MPA | 88 | A LUTA PELA TERRA E A EXPERIÊNCIA DA JUVENTUDE CAMPONESA NO PARÁ | 95 | A QUESTÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NO MPA | 98 | JUVENTUDE E AFETIVIDADE REVOLUCIONÁRIA | 103 | O EXERCÍCIO FÍSICO E A SAÚDE DA MILITÂNCIA EM QUESTÃO | 106 | OS BASTÕES COMO INSTRUMENTO DE DEFESA DOS TERRITÓRIOS | 111 | POEMA: NOSSA ARTE | 114 |

BLOCO IV - MATERIAL PARA ACESSO ONLINE | 115|











APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Aos leitores e leitoras que têm em mãos esse livro, em especial aos camponeses e camponesas, parte literal de cada parágrafo dessa apresentação, essa obra é resultado de um árduo processo de estudo, acumulação e luta em torno da causa camponesa no Brasil e na América Latina.

A Coleção Plano Camponês, agrega em seus volumes o resultado de mais de 20 anos de luta e resistência do Movimento dos Pequenos Agricultores-MPA, assim como as obras que impulsionaram a nossa organização rumo à consolidação de um Projeto Estratégico para o campesinato Brasileiro, feito pelos próprios camponeses e camponesas de fato.

O Campesinato e o seu Projeto Estratégico possuem uma via de muitos caminhares - o rosto jovem, os valores da educação camponesa, a intelectualidade militante e popular se entrelaça nessa coleção. Do mesmo modo que compõe nosso projeto estratégico, cada livro se apega a um desses elementos fundamentais em nossa luta ou em pensadores que trouxeram mais certeza e utopia a esse caminhar.

Essa coleção é fruto de um processo de construção coletiva, de camponeses, camponesas, militantes da Causa Camponesa do Brasil e da América Latina sistematizados nas páginas a seguir. Entendemos que o campesinato como classe social de luta, ocupa na sociedade um papel fundamental e ativo. No entanto esquecido, apagado ou deturpado por quem escreve a história que vai para a academia e para os meios de comunicação. Por isso, para superar essa contradição nada melhor que os próprios camponeses e camponesas escreverem (no papel e na história) com seu jeito de ver e viver o mundo.

Afirmamos também, que essa obra está longe de ser uma propriedade de nossa organização, ela exprime o sentido de uma luta travada a séculos em nosso continente, que somente





estamos dando continuidade e, também a dar os rumos para os que a continuarão.

Agradecemos em especial, aos militantes que dedicaram-se reunindo as obras, escrevendo, sistematizando, ilustrando. A *Bizilur* e a Agência de Cooperação do País Basco, que contribuíram para a materialização deste trabalho. A todos os Movimentos da CLOC-Via Campesina que carregam cotidianamente a luta e os valores compartilhados nessa coleção.

Contudo ao publicar essa obra, entendemos que as suas páginas precisam ser lidas com os olhos críticos, ativos e militantes, sendo cada capítulo um ponto de partida, para mais leituras, estudos e debates que fortaleçam a causa camponesa e popular, mantendo assim "as letras" de cada parágrafo vivas e ativas na história.

Boa Leitura e bons debates.







APRESENTAÇÃO DO VOLUME V

Aurora

Em termos históricos é sempre difícil identificar o princípio das coisas. A história é processo e continuidade, os fatos e feitos resultam da contribuição de um sem número de acontecimentos e pessoas. Mas a história também é ruptura, se assim não fosse seria linear, não haveria eventos novos e mudança de qualidade, novas sínteses seriam impossíveis.

Considerando o acúmulo histórico, toda síntese nega, conserva e eleva a um novo patamar os elementos anteriores; sendo aquilo que se conserva não mais aquilo que era, pois ganha significado distinto em síntese com os aspectos novos que aí emergem.

Acredito que o trabalho de juventude no interior do nosso Movimento passou por essas fases. A juventude sempre esteve presente. Quando olhamos as fotos dos acampamentos da seca encontramos inúmeros rostos jovens. Outros tantos assumiram nossa bandeira e a levaram para os rincões do Brasil fazendo o Movimento se territorializar.

O Encontro Nacional de 2010, quando uma massa de juventude se levanta, foi um despertar, uma provocação que tocou profundamente o MPA. Depois vieram outras tantas atividades, caravanas e cursos. Entre erros e acertos o Movimento foi acumulando.

Em algum momento entre 2011 e 2012 o trabalho de formação e juventude deram as mãos de maneira orgânica. Isso foi mais obra da necessidade do que por planejamento. Os sujeitos dos cursos eram majoritariamente jovens e exigiu ajustes em conteúdos e métodos.

Quero evidenciar o papel fundamental do coletivo de formação, este cumpriu o papel de direção ideológica e ajudou a formular a concepção do trabalho com a juventude se portando como intelectual orgânico. A ação gerou a organização, é verdade, mas não cultivamos espontaneísmo. Sem a relação orgânica e criativa entre os dois coletivos os elemento novos poderiam ter sido desperdiçados e as Brigadas, Escolas da Memória, Acampamentos, Escolas de Brigadistas e Caravanas talvez não estivessem se erguido como uma espécie







de estrutura orgânica do trabalho da juventude e ainda estaríamos amarrados ao coletivo e aos encontros e não teríamos massificado.

A formulação se decantou em 2014, na primeira Escola da Memória. Foi um momento muito forte de formação, mística e luta. Nessa atividade surge a concepção das Brigadas de Juventude em forma de texto. Um texto singelo, escrito a três mãos com o nascer do Sol no último dia da Escola.

De 2014 para cá, tudo que o MPA realizou teve as mãos da juventude. O livro que tomamos em nossas mãos busca dar conta dessa trajetória. É muito bonito ler cada texto e ver como o movimento acumulou e surgiram militantes rebentos desse trabalho. Mas a juventude não pode descansar sobre os louros, há muito que se fazer e tudo é pouco até que se faça a revolução brasileira.

Mas quero terminar em 2013. Algo se passou entre as jornadas de junho quando a juventude saiu às ruas e fez das cidades rebeldia até os meses de setembro/outubro quando da escola de formação realizada em Juazeiro que abriu portas para aquela grande luta.

Florestan Fernandes diz que as capacidades humanas se elevam quando as mentes são expostas as grande tensões históricas. A juventude que viera para formação crescera vertiginosamente, chegaram como uma gurizada e saíram militantes. Os que chegaram militantes tornaram-se dirigentes. Não apago da memória a morte da menina Marcela naqueles dias. Mas igualmente me marcou o crescimento de todos, destacadamente, me permitam a deferência, nessa jornada vi desabrochar Rafaela Alves essa dirigente educadora que temos agora e contar com Leomarcio e sua serenidade de grande dirigente nos momentos altos da luta.

Na madrugada do dia 16, no coração do sertão nordestino, a claridade apontava o início da manhã, e das recordações mais profundas que guardo da luta é o semblante de coragem de cada um, o vigor e a entrega daqueles jovens que fizeram as massas sertanejas lhe acompanharem rumo ao objetivo traçado.

Era um pouco antes do nascer do Sol, aurora, princípio e síntese de ação que fez latejar intempestivamente o desafio do conjunto do nosso Movimento até os dias de hoje.

Marcelo Leal Primavera de 2019 Sarandi, RS.





CORDEL DA JUVENTUDE CAMPONESA

Mateus Bodão - PB

- 1. O que é a juventude? É força e diversidade É fervor e energia Rio de criatividade Um plantio de tudo capaz E só não se produz mais Por faltar oportunidade.
- 4. E nessa dura jornada
 Mostramos nossa existência
 Somos jovens camponeses
 Despertando a consciência
 Cultivando a terra, a mente
 Com um punhado de sementes
 Nutridas de resistência.
- 2. O sistema priva a mocidade
 De saúde educação
 De terra, lazer e cultura
 De respeito e compreensão
 De arte, vida e esporte
 Mais a juventude é forte
 Não baixa a cabeça, não.
- 5. E se a incompetência
 Dos poderes do estado
 Marginaliza a juventude
 E a difama pra todo lado
 Vivem tirando direitos
 E os jovens insatisfeitos
 Saem do campo obrigados.
- 3. No campo somos irmãos
 Caminhar com as mãos dadas
 E se o estado não quer
 A juventude organizada
 É porque quer no futuro
 Um mundo cheio de muros
 E uma nação alienada.
- 6. Por estarem abandonados
 No campo sem atenção
 Saem a procurar emprego
 Noutro estado ou região
 Que sem oportunidade
 Vão em busca da cidade
 Viver na exploração.







- 7. Porque saem pra cidade?
 Por não terem assistência
 O governo e os empresários
 Têm a plena consciência
 Que o povo do campo sem pão
 Se dispõe a escravidão
 Pra garantir sobrevivência.
- 8. Não querem a permanência Do povo no meio rural Nos forçam ir pra cidade Se matar por um real Deixando o campo vazio Com o desejo doentio De dominação geral.
- 9. E nesse plano fatal
 De explorar nosso povo
 Limitando a juventude
 Servindo como um estorvo
 Querendo nos atrasar
 Mas quem pensa em enganar
 Aqui se engana de novo.
- 10. É chegado tempo novo
 De luta e rebeldia
 O sol nasce mais jovem
 Exalando energia
 Iluminando as trincheiras
 Irradiando as fileiras
 Com arte e ousadia.

- 11. Plantando soberania Na luta por igualdade A juventude do campo Junta a comunidade Com disciplina e cultura Discutindo conjuntura E a nossa realidade.
- 12. Muita criatividade Na luta porta em porta No hospital, na escola Na igreja e na horta Na partida de futebol Na roça ao nascer do sol Organizar é o que importa.
- 13. Questionar a planta morta Pelo uso de veneno Explicar que isso faz mal Ao povo, bichos, terreno Vamos plantar sem matar E deixar tudo germinar Do seu jeito tão sereno.
- 14. O desafio não é pequeno A luta é necessária Vamos provocar na missa Uma luta igualitária E dizer: "Deus te abençoe Sabia que Jesus foi A maior voz libertária?"







15. De conduta humanitária E fez bem pra todo mundo Alimentou os famintos Curou aos moribundos Não viveu com a realeza Aos pobres pregou certeza Liberdade, amor profundo.

16. E assim, a cada segundo Os diálogos vão surgindo Despertando a consciência Questionando, discutindo O povo se organizando As fileiras se formando E a luta se conduzindo.

17. É no campo refletindo O povo nós provocando Ouvindo as experiências Com teatro encenando E depois da peça encenada Ouvir a camponesada "É isso que tá se passando"

18. Se esperavam um comando: Vão s'imbora! Mãos na massa! Espalhem sua energia Sua criatividade e graça Luta não se faz parado Nem com medo, acanhado Se faz cobrando na praça.

19. Deixe que vejam a fumaça Do fogo da liberdade Vamos ocupar as ruas Campos, universidades Sem perder as estribeiras Sem esquecer nossas bandeiras Sem apartar campo e cidade

20. Mudar a realidade É dever da "meninada" Resta amarrar as sandálias E botar o pé na estrada Organizar multidões Sem temer aos patrões E nem se perder na jornada.

21. Façam arte nas calçadas Canção, teatro, poesia E por meio da cultura Despertem a rebeldia Não deixem os computadores Enganar os trabalhadores Os informem dia após dia.

22. Expliquem a mais valia Numa canção de viola Provoquem lá na bodega: "Querem fechar nossa escola" Perguntem nos hospitais "E as ervas medicinais? Eu tenho mudas na sacola"







23. A juventude é a mola Que impulsiona a mudança Com disciplina e estudo Sementes, música e dança Indo a cada coração Plantar a revolução Com alimento e esperança 24. A jornada agora avança
Por justiça, por certeza
Por dignidade no campo
Por respeito à natureza
Nosso alimento a todos sirva
Viva o campesinato, viva!
E a juventude camponesa!







BLOCO I: JUVENTUDE NO MPA

1 - A Juventude Camponesa: definições, papéis e perspectivas

INICIAMOS A CONVERSA

No MPA temos buscado cada vez mais aprofundar a reflexão sobre o campo brasileiro e a situação da juventude camponesa, que fortemente é impactada pelas ações do modelo capitalista de produção e de desenvolvimento implantado no campo. Este modelo, nesse momento histórico, ganha ainda mais força e abertura para avançar sobre os territórios indígenas, quilombolas, camponeses — espaços de vida, onde estão os bens naturais necessários à soberania nacional, bem como ao capital. É fato que este pacto de poder que se estabelece no campo articulando o agronegócio, o hidronegócio e o minerionegócio impõe a destruição dos bens naturais, da nossa soberania nacional.

Em questão está o presente e o futuro das gerações, bem como a soberania alimentar que deve ser entendida como a base para construção da soberania política de uma nação. Estamos, portanto, diante de uma força que nos oprime, submete, expulsa e mata. Perguntamo-nos o que fazer diante desse cenário? O caminho é a resistência. Precisamos desenvolver o nosso poder popular nos territórios, ou seja, avançar na nossa capacidade de compreensão, organização e luta. Nesse processo precisamos envolver a juventude confiando na sua capacidade de cumprir seu papel na disputa pelo presente e futuro no campo.







Compreendemos que o presente e o futuro do campo estão intrinsicamente ligado ao presente e ao futuro da juventude camponesa. Como ficará o campo daqui a 10 ou 20 anos sem camponeses, jovens dando continuidade à vida, protegendo os bens naturais e produzindo alimentos nos nossos territórios? Só é possível uma coerente resposta a essa pergunta se de fato estivermos preocupados com a sequência da vida e do planeta que não suporta esse modelo criminoso de desenvolvimento.

Por todo esse contexto, afirmamos que a juventude não pode ser vista apenas como um público ou uma categoria social de corte etário, deve ser compreendida também nos fatores da sua complexidade social e política de existência. Deste modo o debate que almejamos fazer se refere ao papel do MPA diante da juventude camponesa, e o papel da juventude frente à construção da resistência e do MPA.

Necessitamos tratar também dos elementos que caracterizam um jovem: a rebeldia, a capacidade de desprender energia física e psicológica, a disponibilidade por, no momento, não ter os compromissos da vida adulta, por possuir questionamentos e as preocupações com o futuro. A juventude, naturalmente, tem a capacidade de proporcionar esperança em dias melhores expressa na alegria, na sua capacidade de experimentar, acreditar, criar, recriar, organizar, fazer nascer, a disponibilidade para luta e para o trabalho. A fortaleza da juventude está exatamente nas suas características e por isso é também um sujeito extremamente disputado e necessário às ideias do capital.

O último diagnóstico da juventude organizado no MPA foi realizado no processo do nosso 1º Congresso Nacional. Para realiza-lo utilizamos um formulário com questões que deveriam balizar o nosso debate posteriormente. A sistematização dos retornos ajudam até hoje o movimento a compreender a realidade da juventude em várias dimensões e territórios. Entre as questões refletidas estão:







O que é ser jovem? Quais são os desafios enfrentados pela juventude atualmente no campo? O que a juventude gosta de fazer? Porque a juventude vai pra cidade? O que é importante para a juventude permanecer no campo? Quais os desafios para organizar a juventude? Quais são as expectativas da juventude camponesa com o MPA? O que é importante para que a juventude permaneça no MPA? O que a juventude entende como seu papel frente ao MPA? Quantos jovens temos organicamente no MPA em cada estado? O que a juventude tem feito no MPA em cada estado? Quais são suas experiências e tarefas atuais no movimento? O que é importante considerar ao iniciar um trabalho com a juventude da camponesa?

Entendemos que estas questões seguem abertas, carecem de mais reflexões por parte da nossa juventude nos vários territórios. Assim é necessário que nas comunidades, nas brigadas, nas instâncias do movimento, esse debate seja realizado. Refletir e diagnosticar a realidade da juventude é um dever permanente, para que tenhamos condições objetivas de avançar, em especial, com os processos de formação, organização e projeção das ações possíveis de serem realizadas nos territórios na perspectiva da construção do poder popular.

O fundamental é compreendermos que a resistência organizada, expressa no poder popular, é uma condição para assegurar a continuidade da vida, a nossa existência diante do avanço do capital.

O MOMENTO ATUAL DA JUVENTUDE

Já sabemos que vivemos numa sociedade capitalista, dividida entre aqueles que trabalham e com sua força de trabalho produzem toda a riqueza existente e aqueles que apenas se apropriam da riqueza produzida. Assim temos, de um lado, a classe trabalhadora e do outro, a burguesia. O momento histórico que vivemos no Brasil evidencia que o capital internacional está em crise, precisa acumular mais e o Brasil cumpre um papel nisso. A divisão entre as classes se



explicitam nos interesses, nos projetos distintos em disputa. A classe trabalhadora é colocada num cenário social ainda mais complexo com a retirada dos seus direitos historicamente conquistados. O capital avança com o aval do estado e acumula não apenas com a exploração da força de trabalho dos seres humanos, mas também com a exploração dos bens da natureza.

No contexto do enfrentamento entre estas duas classes sociais, a juventude é um público em disputa, pois a burguesia compreende o importante papel da juventude para o acúmulo de sua riqueza, pois tanto é a juventude que detém a força de trabalho obtida a baixo custo proporcionando um maior acúmulo de riqueza à burguesia, bem como é detentora da capacidade de consumo exagerado imposto pelo capitalismo. A crise do capitalismo afeta com mais força os jovens, que ficam sem oportunidade de estudo, trabalho e sem perspectiva para o futuro. Quando os jovens perdem a esperança se jogam nas drogas, no crime, na depressão - a sociedade toda é afetada com as impossibilidades, e perde a chance de ter os jovens nas batalhas pela transformação. Os problemas não nascem do nada, são gerados pela natureza desse sistema que condiciona a nossa vida a seus interesses.

Por isso, se faz necessário nos questionar: Com quais olhos — olhamos ou assistimos nossa própria realidade? Muitas vezes, mesmo vivendo e trabalhando no campo ou até mesmo nas pequenas cidades, observamos tudo a nossa volta com os olhos de quem vive nas grandes cidades. Observamos nossa realidade de forma alienada, não percebendo as contradições do capitalismo e achando que a batalha da vida se reduz ao desejo de um dia viver como a burguesia urbana. Isto acontece porque o sistema coloca suas ideias em nossas cabeças e assim perdemos a consciência da classe que pertencemos, e passamos a negar a nossa identidade. Acontece também porque o campo sempre foi associado, principalmente pelos meios de comunicação, pela educação e indústria cultural como lugar de atraso, de trabalho pesado e de ignorância. Isto ocorreu porque a burguesia agrária sempre quis nossa terra para







desenvolver seus interesses e não para os camponeses viver e produzir com dignidade e autonomia.

O campesinato sempre foi vítima da ignorância e do abandono do Estado que existe em função dos interesses da própria burguesia. Por isso nunca se preocupou com a estruturação do campo, ao contrário, estruturou as ideias e as condições para o êxodo rural, expulsão e repressão. No campo a burguesia desenvolveu o conservadorismo, as relações coloniais e patriarcais. São muitas as bases do esvaziamento no campo. Nesse contexto, como poderia a juventude desenvolver seu sentimento de pertença ao campo? Porém, não podemos deixar as coisas como estão, precisamos avançar no trabalho que vai na contramão dessa história. Se a juventude nega seu lugar, nega também seu protagonismo, sua história, suas possibilidades. A juventude precisa encarar a tarefa de lutar pela proteção dos seus territórios e pelas transformações necessárias no seu lugar de vida e assim construir relações iguais, justas e solidárias. A juventude precisa ter iniciativa, deve querer olhar, enxergar, refletir, compreender a sua realidade – assistir não resolve nada. Só a reflexão e a ação podem nos conduzir a um verdadeiro exercício de transformação.

É importante salientar que o Estado brasileiro deu uma importante guinada na compreensão da juventude na primeira década do século XXI. Em seu estudo sobre a primeira geração jovem dos movimentos sociais e sua incidência nas políticas públicas de juventude, Castro (2016) apresenta o termo juventude em situação de risco como categoria utilizada na primeira prole de políticas públicas que tiveram o/a jovem como público-alvo.

Com o avanço das políticas públicas e ações combinadas de setores sociais, inclusive dos movimentos populares, houve melhor adequação para categorizar como juventude sujeito de direitos. Isto transforma a juventude em agente ativo de sua própria emancipação. Obviamente que com o golpe em 2016 e ascensão da extrema-direita no poder acarretou em perda, quase total, dos avanços na concepção







de juventude por parte do Estado brasileiro. Mesmo no período dos Governos Lula e Dilma a juventude brasileira, principalmente a juventude camponesa, enfrentou muitos desafios para a conquista de políticas públicas básicas, e as que se materializaram foram fruto de muitas reivindicações.

Diante desse cenário complexo, muitos devem pensar: não temos como mudar a realidade dos jovens no campo! Essa afirmação nos leva ao imobilismo e é totalmente incompatível com a leitura que fazemos até aqui, com a história de luta e conquistas da nossa própria classe e com as vitoriosas experiências de transformação provocadas pela juventude em vários cantos do mundo. O fato é que precisamos nos organizar e lutar com consciência dos desafios que nos envolvem, do tamanho da nossa batalha, da necessidade de mudanças estruturais, de outro sistema de funcionamento da sociedade.

Um fato importante é que as fronteiras entre o mundo urbano e mundo rural diminuíram consideravelmente nos últimos períodos, o que diminui a distância, o preconceito, ampliaram-se as relações, as visões. Esse processo desencadeia também novos padrões de vida e relações. É verdade que os desafios são comuns à juventude da classe trabalhadora seja do campo ou da cidade. Porém a juventude das cidades, quase sempre consegue ter mais facilidade no acesso à educação, saúde, lazer, esporte. Nestes aspectos os desafios da juventude camponesa são extremamente maiores. Cabe-nos ressaltar ainda a dimensão cultural como elemento de grande destaque no campo, onde nascem e resistem diversas expressões culturais de extremo significado para construção da identidade cultural do povo Brasileiro, porém, hoje enfrentam o cenário da desvalorização.

Verificamos que a globalização possibilitou a chegada da internet em muitas comunidades camponesas e esse é um fato positivo, mas precisamos refletir que ter acesso às informações que a internet possibilita não altera a realidade material da juventude, que necessita da interiorização das universidades, médicos na







comunidade, educação contextualizada, trabalho digno, afirmação das suas expressões culturais, estruturação para produção e abastecimento popular. Precisamos compreender que não há esforço do estado para estruturação dos territórios camponeses. O campo é lugar "abandonado" e não lugar do atraso provocado pelo próprio povo.

É fato que o êxodo da juventude se dá, sobretudo pela falta de acessos - oportunidades. Êxodo não, o que se tem é a expulsão dos jovens. Num país onde se prioriza a produção de commodities, sem luta não há possibilidade de vida com dignidade. Fiquemos atentos. Dificilmente conseguiremos nos próximos períodos conquistar políticas públicas capazes de acumular para o nosso projeto de vida no campo. E este fato nos dá a tarefa de avançar com todo povo na construção do poder popular nos nossos territórios de vida, soberania e dignidade.

JUVENTUDE NA LUTA POR PODER POPULAR

Muitas são as lutas que a juventude camponesa precisará desempenhar nos próximos períodos. Além da luta pelo território camponês, como afirmamos no decorrer de todo texto, a luta por terra, pauta também de hoje. Por não ser "proprietários" de terra, grande parte dos jovens são subordinados ao pai, ou seja, é economicamente dependente, o que lhe impede de construir um planejamento estrutural da vida no campo, e de, no dia-dia ter as condições básicas para materializar ideias, necessidades. Quando refletimos sobre a juventude camponesa é necessário colocar no centro da discussão a questão da renda, para tanto a juventude precisa ter acesso a terra afirmando a reforma agrária popular.

Nessa perspectiva, visualizamos que a juventude tem várias necessidades. O acesso ao conhecimento científico que lhe permita maior compreensão da realidade, perpassa pelo acesso a educação e a tecnologia pensada a partir de seu contexto social, político e histórico. O acesso ao conhecimento compatível com o projeto de







vida é uma condição para a não reprodução do modelo de produção agroindustrial, para construção do seu próprio trabalho digno e para o cumprimento da importante tarefa de produção de alimento saudável. Afirmamos, portanto, que a agricultura camponesa é capaz de assegurar a produção de alimentos saudáveis, gerar energia e preservar a natureza para as gerações futuras. A juventude precisa colocar-se como protagonista na defesa da nossa agricultura e do Plano Camponês.

O Plano Camponês é o nosso projeto de produção e vida no campo, é nossa meta síntese e deve estar em nossa mente e no nosso coração. Deve ter propostas que envolva toda a família camponesa, pois é o caminho por onde o campesinato propõe a mudança da sociedade e a construção do socialismo. É um plano a partir do campo, para toda a sociedade. É a contribuição do campesinato na construção do projeto popular do Brasil e do socialismo. (Valter Israel)

Se a "nova geração de agricultores perde a naturalidade e os traços culturais trazidos de seus antepassados, esbarrando no dilema da escolha e opção sob os novos padrões da vida no campo" (PUNTEL, PAIVA e RAMOS, p. 17) é necessário resgatar e reafirmar a identidade camponesa para que esta juventude mantenha sua autoestima e saia da alienação. É importante notar que a juventude camponesa é uma categoria de sujeitos sociais que nas suas comunidades dinamizam a vida do seu povo, estimula organização social. Nessa caminhada se experimentam e se fazem nascer atividades significativas para vida comunitária ao promover espaços de lazer, formação de grupos de jovens com diversas finalidades, seja produtiva, religiosa, artística e cultural. Assim, muitos despertaram para militância e hoje dão cara jovem ao MPA. Esse conjunto de características gera a força extremamente importante da juventude no movimento.

SEGUIR REFLETINDO

Diante do complexo cenário se faz necessário destacar que nos últimos anos contamos com importante envolvimento da juventude



do campo e da cidade nos processos de mobilização e diversas lutas estimuladas pela conjuntura. As ações organizadas da juventude mostraram capacidade de iniciativa, preocupação com o futuro, capacidade de direção de processos, protagonismo, criatividade. Sua disposição e ousadia nos permite perceber acúmulos importantes com as ações de escrachos, ocupação de escolas por educação, entre tantas outras. As experiências históricas e recentes nos mostram que devemos seguir acreditando na capacidade que a juventude possui de atuar firmemente nos processos de organização e de luta do povo.

Na perspectiva de enfrentamento dos desafios, verificamos que os movimentos do campo e da cidade, na sua maioria, tem se esforçado para inserir os jovens nos processos, convoca-los a cumprir com seu papel na história. Nas suas ações táticas verificamos: pautas reivindicatórias; formação política; lutas unitárias por políticas públicas; inserção dos jovens nas instâncias do movimento; debates importantes sobre a cultura popular, diversidade sexual; mecanismos para superar as relações desiguais entre homens e mulheres - contribuindo assim para formação de uma geração de jovens forjados nos princípios do novo homem e da nova mulher. Ao canalizar as energias da juventude o movimento afirma a construção de um projeto estratégico de sociedade.

Nessa caminhada devemos compreender que o debate da juventude camponesa é amplo e complexo. Discutimos geração, classe social e construção de identidade, visto que os indivíduos são constituídos por relações sociais e pela participação em processos identitários amplos. Inclusive, aqui devemos falar de identificação para que possamos compreendê-la como um processo em construção, pois é a vida que determina a consciência e logo a construção da identidade e a posição social. Assim é imprescindível para construção do Plano Camponês o conjunto dos debates, tanto para identificação dos jovens do campo com os ideais políticos e ideológicos do movimento, bem como para a garantia da continuidade da vida e da história do povo camponês.







O destino da juventude brasileira não depende, portanto, simplesmente de uma pauta específica, mas sim de um conjunto de transformações sociais que se expressam no que temos chamado de Projeto Popular Para o Brasil. Para a juventude ser portadora de um projeto popular, é necessário avançarmos na organização dos jovens que estão diante de um conjunto de contradições sociais que ameaçam sua própria existência, principalmente no campo. As lutas sociais são construídas em função dessas contradições.

Necessariamente, a juventude camponesa precisa entrar em cena, confiando na sua rebeldia e na sua capacidade de contribuir para alterar a correlação de forças na sociedade brasileira, por isso acreditamos que a juventude militante tem um papel a cumprir neste novo período histórico frente ao MPA. É importante reafirmarmos o papel da juventude diante dos processos históricos que transformaram o mundo, e para isto nada mais certeiro que as palavras de Che:

"Vocês companheiros devem ser a vanguarda de todos os movimentos. Os primeiros nos sacrifícios exigidos pela revolução qualquer que seja a índole desses sacrifícios. Os primeiros no trabalho. Os primeiros na defesa do país".

2 - Nova Geração Camponesa

Há um sentimento comum entre as famílias camponesas do Brasil, com poucas exceções, de que a população rural envelhece a passos largos. Esta constatação é con-firmada pelas estatísticas oficiais e o envelhecimento da população camponesa é uma realidade. Isto dificulta a reprodução social, enfraquece as comunidades, reduz a convi-vência, interrompe a transmissão de sabedorias seculares que se dá através da oralida-de entre as gerações, reduz a capacidade







produtiva, traz impactos negativos na capaci-dade criativa e tende a reduzir a capacidade inovadora na produção camponesa.

A juventude camponesa tem sido vítima, ao longo de mais de 70 anos na histó-ria recente do Brasil, da desterritorialização do campesinato e da perda de identidade. Por falta de renda estável, poucas alternativas de lazer, atração de novos padrões de consumo, dificuldades de acesso à educação, preconceito social, dificuldade de inserção produtiva autônoma no núcleo familiar, penosidade do trabalho, essa juventude tem buscado outros caminhos. E não só por opção, mas por expulsão, pressão ou constran-gimento de uma realidade no campo que não oferece as condições para que a juventude permaneça na roça e projete melhores condições de vida e um ideal de existência digna.

Além do mais, a juventude camponesa projeta sonhos de frequentar universi-dade, de superar a penosidade do trabalho rural, de ser reconhecida socialmente, de participar das decisões familiares, de acessar seus próprios projetos, de viver em liber-dade suas relações afetivas.

Porém, é esta juventude que pode dar continuidade ao campesinato e que pode diminuir as distâncias culturais entre campo e cidade sem perder a identidade. Alguns já optam por isto. É necessário que sejam muitos. Haverá riscos sérios para o povo bra-sileiro, em tempo não muito longo, caso a principal base social produtora de alimentos, as 6 milhões de famílias camponesas, abandonem por completo esta labuta por falta de reprodução da vida e da produção familiar de alimentos básicos que abastecem a mesa do povo. Esta é uma preocupação central na estratégia do Movimento dos Pe-quenos Agricultores – MPA no Brasil.

Em 2010, no Encontro Nacional em Vitória da Conquista, Bahia, o Movimento evidenciou em sua identidade política e social, "O Rosto Jovem do MPA", assim expres-sando: "as revoluções são feitas pela juventude e a presença da juventude mede o vi-gor e o futuro da organização. A juventude camponesa tem participado em







número e qualidade em todos os espaços do MPA de forma decisiva. A juventude do MPA tem assumido o desafio de se qualificar através das lutas, da formação ideológica e técnica, da permanência na terra, assumindo cada vez mais compromissos e tarefas do movi-mento".

Também por este período passam a pipocar por todo o Brasil desafios e movi-mentações em busca de meios para o que passou a se chamar "sucessão rural", mani-festando preocupação em relação ao mesmo fenômeno de abandono da juventude do campo e do envelhecimento da população.

No debate interno do MPA refletiu-se que o conceito de "sucessão rural", embo-ra passo importante, é insuficiente. O que os tempos atuais exigem para cativar a ju-ventude e construir uma vida digna no campo, é bem mais que "sucessão". Não é sufi-ciente suceder o uso do pacote químico da revolução verde, a simples produção primá-ria para gerar lucro para a indústria, a submissão dos integrados, a exploração e domi-nação das multinacionais sobre a produção no campo, o machismo nas relações famili-ares, o envenenamento crescente do solo, da água e do corpo – destruindo a saúde – das pessoas que vivem no campo. Não, não é suficiente suceder a terra concentrada em poucas mãos ao mesmo tempo que insuficiente para gerar trabalho e vida decente a milhões de jovens sem acesso à terra, enquanto o latifúndio e o agronegócio expandem.

É necessário pensar, projetar e construir o conceito e a prática de uma "Nova Geração Camponesa", com uma dimensão progressista e revolucionária que supere o conceito de "Sucessão Rural", ou "Sucessão Familiar", que é um conceito conservador, pois sugere que "suceder" é repetir e para repetir, simplesmente, não vale a pena, pois muito do que existe hoje no campo precisa ser transformado. Não simplesmente uma terra arrasada que negue o passado e seus valores, mas uma verdadeira "transição de geração", onde se inova, renova e revoluciona sem esquecer nem perder a importância e o resgate de saberes estratégicos seculares e até milenares que estão







presentes na vida camponesa. Lutar e construir uma Nova Geração Camponesa, talvez, consiga moti-var e mobilizar uma necessária força mística capaz de encantar a juventude e construir um horizonte de sentido para uma parte da juventude brasileira.

A Nova Geração Camponesa terá muito do atual campesinato, com suas experi-ências, seus encantos e desencantos, mas muito do que hoje é luta e utopia: com agro-ecologia e produção sem venenos; com tecnologias sociais e equipamentos mecânicos adequados que reduzam a penosidade do trabalho; com comunidades camponesas vigorosas e autônomas com acesso e produção de cultura, arte, música, teatro, relações de lazer, moradia, sociabilidade, convivialidade, saúde, educação de qualidade, comu-nicação instantânea; acesso à água de qualidade; acesso à terra em quantidade sufici-ente através de uma profunda e radical reforma agrária; beneficiamento e industriali-zação da produção e relação de abastecimento direta com as populações urbanas; ali-mento de qualidade, ar puro e segurança; convívio com as pessoas, com a natureza e com as paisagens que gerem bem viver, paz interior e superação da ansiedade.

Parece cada vez mais claro que a produção camponesa de alimentos saudáveis em comunidades vivas e ativas culturalmente possa se transformar em uma extraordi-nária possibilidade de trabalho e vida decente em futuro não muito distante. Por várias razões de caráter material e histórico: melhor qualidade de vida no campo; dificuldade de produzir alimentos saudáveis de alta qualidade nutricional e terapêutica e em gran-de quantidade sem uso de trabalho humano direto; robotização cada vez maior da produção industrial urbana dispensando trabalho humano, ainda mais com as tecnolo-gias 4.0; caos cada vez maior nos grandes centros urbanos, com poluição, stress, insegu-rança, crise hídrica, e outros problemas de ordem ambiental e de convivência humana. Há um ambiente favorável a uma significativa volta ao campo se formando.

Antes que seja tarde e na rota de construção de novas e desafiadoras formas de geração de postos de trabalho e de



qualidade de vida humana no campo, e antes que o envelhecimento da população rural chegue, no Brasil, a um ponto sem retorno e se torne irreversível, é preciso que, além da mudança de disposição da juventude e da construção de uma cultura de permanência e volta ao campo se constituam, é necessá-rio lutar por políticas sociais, econômicas, agrárias, agrícolas, culturais, ambientais, ha-bitacionais, educacionais, financeiras, industriais. Enfim, Políticas Estratégicas do Esta-do Brasileiro, voltadas para manter e atrair uma geração jovem para a produção de alimentos e serviços ecossistêmicos (ar puro, água limpa, paisagens, biodiversidade, fitoterápicos, microrganismos...), para a vida no campo e seus encantos. Mas também promotores de qualidade de vida nos ambientes urbanos, além da gestão do patrimônio natural, paisagístico e cultural herdado das gerações camponesas anteriores, com as transformações e inovações necessárias.

Entre as várias medidas propostas pelo MPA no Plano Camponês e no Programa Camponês, de modo especial, a distribuição da propriedade da terra e políticas de promoção da agroecologia, há uma medida direta e concreta que terá um efeito rápido, eficaz e consistente: uma Bolsa Permanência no Campo, com tempo mínimo de 05 anos, que estimule jovens recém-formados — ensino médio, técnico ou superior - a re-tornar e/ou permanecer no campo. A União Europeia já criou uma política pública com esta finalidade e lá já vemos significativa volta ao campo em vários países.

A Bolsa Permanência no Campo poderá ser destinada a jovens camponeses/as (ou de origem urbana que queiram viver no campo) com idade entre 17 a 29 anos de idade, que tenham concluído o ensino médio ou estejam cursando ou concluído cursos técnicos, tecnólogo ou graduação em qualquer área do conhecimento, que queiram permanecer ou retornar e viver no campo, vinculando-se à produção agroecológica e serviços para o desenvolvimento rural sustentável, com critérios e exigências claras. Uma bolsa pelo prazo de cinco anos é para estabilizar e consolidar a relação com a terra e as comunidades camponesas, com um valor que seja compatível — talvez um salário mínimo por mês — além de financiamento a projetos





produtivos e agroindustri-ais destinados a garantir e sustentar a presença e permanência da juventude na produ-ção de alimentos.

A juventude é o presente e o futuro da nação. Por isso é fundamental a Consti-tuição de uma Nova Geração Camponesa. É necessário garantir o futuro da segurança e soberania alimentar do Brasil e do povo brasileiro.

Para construir uma Nova Geração Camponesa é preciso uma geração que lute por ela de forma inteligente, criativa e persistente.

O caminho, porém, desta construção criativa, é a luta social e política. A geração de uma nova geração camponesa é a construção de uma geração revolucionária, que lute e construa um projeto estratégico de sociedade, construa formas de poder popular nos territórios camponeses, que lute e revolucione as relações de poder, de produção e de conviver para viver uma vida decente e com sentido. Enfim, viver bem e feliz.

3 – Brigadas de Juventude: um processo de organização no MPA

"Necessitamos de uma geração de jovens que, num ambiente de luta disciplinada contra a burguesia, comece a converter-se em gente consciente. Nesta luta, a juventude forjará os verdadeiros comunistas. A esta luta deve vincular e subordinar a todo o momento a sua instrução, sua educação e sua formação!"

Lênin

INICIANDO NOSSA CONVERSA

Quando nos colocamos no exercício de estudo sobre o processo histórico de nascimento e organização do MPA até os





dias atuais, vamos constatar a participação ativa de jovens na sua construção. Jovens que se forjaram como militantes e posteriormente como quadros dirigentes importantes para nossa organização. Imaginemos o MPA há 22 anos — o que levou esses jovens a se somarem na sua construção? Parece-nos, que a geração que antecede a nossa geração assumiu com muito compromisso a tarefa de organizar os movimentos camponeses pela clareza dos problemas e dos desafios da sua realidade na época, eram portadores de muitas esperanças, de sonhos que não poderiam se materializar no campo sem que assumissem a tarefa de organizar o povo, de enfrentar a luta pela terra e pelo direito de viver no campo com dignidade. Eis aqui um fato importante para nosso aprendizado.

No MPA afirmamos que, pela presença da juventude, podemos medir o vigor de uma organização. A partir de varias reflexões, nos últimos anos nos dispomos a avançar no trabalho com a juventude camponesa com a formulação das brigadas de juventude. Percebemos que no início da nossa construção a participação da juventude se dava em um processo mais espontâneo, os jovens aderiam à luta pelo estimulo da igreja, pela percepção da realidade. Hoje o capital com suas diversas formas de alienação não possibilita aos jovens uma interpretação correta da realidade, dispersa as energias e a induz para sua auto destruição. Esse fato distancia sua identidade de classe, dificulta o envolvimento dessa categoria de sujeitos, imprescindíveis à luta nos processos de organização na sociedade, e demanda das organizações a formulação de um trabalho específico e permanente com os jovens no campo e na cidade, que possibilite gerar inquietação e inserção na luta pela transformação da sociedade para onde devem canalizar suas capacidades.

A luta é grande e não acabará tão cedo. Por isso é necessário envolver as novas gerações de forma a resgatar os acúmulos da construção histórica que forjou, no passado, jovens militantes em nossos dirigentes políticos de hoje. Como temos visto na história, precisa-







mos de jovens capazes de responder aos desafios da sua época. Assim é nosso dever aprofundar leituras para compreender o papel que a juventude precisa seguir desempenhando na luta do campesinato e da classe trabalhadora, bem como a relação que existe entre o passado, o presente e o futuro. É fato que a construção do futuro carece da nossa capacidade de retomar e afirmar o horizonte estratégico da luta revolucionária socialista. Os caminhos que nos levam a este horizonte precisam ser compreendidos por todo jovem que se dispor a sonhar e a lutar. Assim, é também nosso dever envolver a nova geração no movimento real da história com compreensão das lições da caminhada, dos novos desafios que se apresentam, com criatividade e clareza estratégica.

O MPA E AS AÇÕES DE JUVENTUDE

Na busca de ativar o vigor da juventude, verificamos que o MPA tem dado passos importantes desde o ultimo Encontro Nacional realizado em 2010. Nacionalmente o trabalho tem possibilitado: a retomada dos coletivos de juventude nos estados; construção de brigadas nacionais, estaduais e locais; envolvermos jovens na organicidade e instâncias do movimento; realização de encontros, oficinas, seminários, escolas, acampamentos; participação em mobilizações, jornadas de lutas, ações diversas de agitação e propaganda; construção de experiências no campo da produção, do esporte, lazer, comunicação e cultura (cinema, música, teatro, artes visuais, audiovisual).

Tem ainda assegurado envolvimento nas campanhas como: "basta de violência contra as mulheres", "contra os agrotóxicos e pela vida", "adote uma semente"; aprofundado estudos, métodos de trabalho e proposição interna; construção de um diagnóstico que possibilite, hoje, um olhar mais aprofundado sobre as questões e pautas quem envolvem a juventude camponesa, sobretudo das bases do MPA. É importante destacar o papel que a juventude tem cumprido na construção de ações unitárias, fortalecendo a relação







entre o campo e a cidade, a aliança camponesa e operária por soberania alimentar e poder popular.

OS MARCOS DOS PROCESSOS

Em 2010, no 3º Encontro Nacional do MPA, durante uma das plenárias, pediu-se para que a juventude ficasse de pé. A surpresa foi que a grande maioria dos presentes levantou-se. Assim veio a constatação de que o MPA tem um rosto jovem. "A juventude camponesa tem participado em número e qualidade em todos os espaços do MPA de forma decisiva. A juventude do MPA tem assumido o desafio de se qualificar através da formação ideológica e técnica, da permanência na terra, assumindo cada vez mais compromissos e tarefas no movimento", diz a síntese final do encontro. A partir desse momento é que o movimento tomou ainda mais consciência da importância de avançar no trabalho de juventude. O desafio estava na forma - como organizar mais juventude?

Uma das experiências de grande destaque, onde a juventude mostrou seu protagonismo foi na construção da "Brigada Canudos" em 2013. O trabalho da brigada foi precedido de uma escola, que lhe preparou para realizar um amplo processo de mobilização com a população do entorno das cidades de Juazeiro na Bahia e Petrolina em Pernambuco. Durante os dias 10 de setembro a 17 de outubro daquele ano a juventude usou da mística, o trabalho de base, a animação para denunciar a dura realidade do campesinato atingido pelas empresas do agronegócio instaladas na região, entre elas a MONSANTO e a AGROVALE. A Brigada Canudos possibilitou condições reais para a ocupação da 36º Unidade de Pesquisa da Monsanto no Brasil, localizado no distrito de irrigação Nilo Coelho em Petrolina. A ação reuniu mais de três mil camponeses e camponesas de vários estados Brasileiros, em especial, do Nordeste. A partir da experiência prática da Brigada Canudos, o conjunto do movimento compreendeu que as brigadas devem se constituir como espaço de organização, formação e luta da juventude. Assim começamos sua formulação.







Outra brigada importante para conceber o trabalho de juventude foi a "Brigada Camponesa" em preparação ao 1º Congresso Nacional do MPA que ocorreu em 2015, em São Bernardo do Campo - SP. Por meio da brigada a juventude desenvolveu um conjunto de ações de agitação e propaganda objetivando o diálogo com diversos trabalhadores e setores urbanos. A mensagem da aliança camponesa e operária por soberania alimentar foi espalhada por muitos cantos e o processo geral de organização estrutural e metodológica do congresso se alimentou de mística e energia da juventude que ali estava incansável.

Já em 2016 foi a capital São Paulo quem recebeu a "Brigada Augusto Boal" para realizar o trabalho com o povo urbano durante as eleições presidenciais. A reflexão positiva dessa experiência de brigada possibilitou posteriormente a construção de outras brigadas com a mesma finalidade nos estados onde se encontra o MPA, bem como no Rio de Janeiro e em São Paulo nas eleições em 2018. É importante destacar que todas as brigadas organizadas nacionalmente ate aqui se voltam para ações de agitação e propaganda.

No processo de escolas de formação da juventude adotamos como concepção e método das "Escolas Camponesas da Memória", uma experiência desenvolvida pelas organizações camponesas da Argentina. Assim objetivamos: Possibilitar à juventude espaço de formação histórica e cultural visando à reconstrução da memória coletiva das lutas sociais dos camponeses brasileiros; fortalecer laços indenitários da juventude camponesa com o projeto de construção democrático da nação brasileira; fortalecer os processos de organização, formação e luta da juventude no movimento.

- Em 2014 a 1ª Escola Camponesa da Memória foi realizada com muita mística em Brasília — DF. Naquele momento a juventude do MPA, do Levante Popular da Juventude e outras organizações da Via Campesina realizaram o escracho na residência do torturador Alberto Brilhante Ustra, que atuou no Doi-Codi durante a Ditadura Militar e ato com mais de 300 cruzes fincadas na frente do Congresso







Nacional lembrando camponeses/as mortos e desaparecidos na ditadura militar. Por memória, verdade e justiça.

- Em 2016 a 2ª Escola Camponesa da Memória ocorreu no Centro de Formação João Pedro Teixeira e Elisabete Teixeira em Lagoa Seca PB, palco da construção da maior organização camponesa do período pré golpe de 64 as Ligas Camponesas que se forjaram em luta por Terra e Direitos Sociais. Esta possibilitou um emocionante encontro entre Clodomir de Morais e Elizabete Teixeira.
- Em 2017 a 3ª Escola Camponesa da Memória aconteceu em Salvador BA, homenageou o guerrilheiro urbano Carlos Marighela "ação faz a organização". Possibilitou o encontro com o Filho de Marighela e ato pelo tombamento e construção do memorial na antiga casa onde morou Marighela.
- Em 2018 a 4ª Escola Camponesa da Memoria foi realizada em São Paulo, homenageando Clodomir de Morais, conhecido como o "organizador das massas" das Ligas Camponesas.
- Em 2019 a 5ª Escola Camponesa da Memoria aconteceu em Olinda, Pernambuco e o homenageado foi Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas. Esse momento marcou a chegada da secretaria nacional do MPA em Recife, onde se manterá no próximo período.

É importante destacar que em 2017 iniciamos no movimento o processo da escola de brigadistas, na sequência da Escola Camponesa da Memória. Assim segue se consolidando como um espaço de formação para os jovens brigadistas, coordenadores e multiplicadores das brigadas de juventude no MPA. Paralelo a esse processo das escolas, em 2017 lançamos a 1ª Caravana Nacional de Luta Camponesa, protagonizada pelo Coletivo Nacional de Juventude. Esta foi batizada de "Clodomir de Morais", em homenagem a este lutador que participou do 1º Congresso Nacional. Foram mais de 40 mil quilômetros rodados para levar a mensagem política do MPA, denunciar o golpe, os retrocessos nos direitos sociais e anunciou a necessidade de resistência e unidade na classe trabalhadora.







A segunda experiência da Caravana foi batizada de "Alexina Crespo", em homenagem a uma líder das Ligas Camponesas, responsável pela articulação política nacional e internacional da organização. Esta, por sua vez, com caráter diferente da primeira, considerando a necessidade de assegurar um trabalho centrado na concepção do trabalho de base e de menor intensidade na agitprop. Assim o grupo foi dividido para assegurar, paralelamente, atuação nos estados do Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Analisamos que esse conjunto de ações tem contribuído para que a juventude camponesa entre na cena política da conjuntura do país. Seu protagonismo nos processos contribui na disputa do futuro ameaçado, na geração de militantes convictos, expansão do movimento, consciência política nas massas, força social, renovação do movimento. Assim também aumenta a possibilidade da permanência dos jovens no campo e a resistência no território, na produção de alimento de forma agroecológica para assegurar o abastecimento popular, a denúncia do agronegócio e o anúncio do Plano Camponês, entre tantas tarefas que se tornam possíveis.

SOBRE AS BRIGADAS DE JUVENTUDE NO MPA

A palavra "brigada" vem da teoria militar do século XVII. A raiz do nome é proveniente do italiano *brigat* e do francês *brigare*, significa: companhia sem tamanho definido. Ambas as raízes são derivadas da palavra celta = briga, que significa luta. Assim para os militares, brigadas são unidades que envolvem militares de capacidades mistas, prontas para atuar em ações e conjunturas distintas.

Como já descrito no texto, desde 2013 o MPA afirma as Brigadas de Juventude com agrupamento de jovens que buscam se organizar, se preparar e atuar nas comunidades camponesas, bairros populares, nas ações políticas diversas do movimento, desenvolver trabalhos na produção, na cultura, na agitprop e outros, objetivando contribuir com a organização e a elevação do nível de consciência da



classe trabalhadora na perspectiva da transformação da sociedade.

Nesse processo os jovens devem exercitar seu protagonismo e ter as brigadas como um espaço "privilegiado" de organização, formação e ação da juventude no movimento. As brigadas, independente do número de pessoas, devem estar aptas a realizar ações indicadas pelo plano estratégico e tático do movimento. Os grupos são mistos enquanto gênero e habilidades. Agora vamos descrever um pouco mais sobre as Brigadas, sua natureza política, organizativa e método de trabalho no cotidiano:

Natureza política

- 1. As brigadas de juventude devem se construir como espaço privilegiado de ação política da juventude do MPA;
- 2. As brigadas de juventude não são um grupo somente de agitação e propaganda, é o espaço orgânico da juventude do MPA;
- 3. As brigadas de juventude não se constituem numa instância do MPA, elas devem estar vinculadas a orientação política, tática e estratégica do MPA;
- 4. As brigadas de juventude devem estar vinculadas estreitamente ao trabalho de base e de massas;
- 5. As brigadas de juventude objetivam estrategicamente ajudar a consolidar a aliança campo-cidade por meio das de ações, tais como:
 - ✓ Agitação e propaganda;
 - ✓ Ações de solidariedade de classe em situações de luta (greves, marchas, ocupações, panfletagem, piquetes, escrachos, entre outras) e em casos de catástrofes ambientais e climáticas.







- ✓ Produção de alimentos agroecológicos para o abastecimento popular.
- 6. As brigadas de juventude devem permitir o desenvolvimento do pensamento político, tático e estratégico da juventude em torno do Plano Camponês. Para isso deve responder a pergunta: quais são os inimigos do Plano Camponês?

Natureza organizativa

- 1. As brigadas não são uma instância, é o espaço orgânico de organização e ação da juventude do MPA e da juventude camponesa em geral.
- 2. As brigadas de juventude estão ligadas diretamente ao coletivo de juventude que, por sua vez, está ligado às instâncias de coordenação e direção do MPA;
- 3. A tarefa central do coletivo de juventude é formar brigadas de juventude nos diversos níveis de nossa organização: municipal, regional, estadual e nacional;
- 4. O coletivo de juventude deve formular linhas políticas, métodos de trabalho, apontar lutas, estimular as ações e acompanhar as brigadas de juventude;
- 5. As brigadas de juventude devem possuir autonomia relativa quanto às ações e métodos de trabalho. Isto SIGNIFICA:
 - ✓ Ações devem estar no quadro da estratégia e da tática do MPA.
 - ✓ As ações devem ser estimuladas pelo corpo do MPA e não podem estar presas a calendário pré-estabelecido. Neste sentido o MPA deve aceitar que a formação de brigadas de juventude tornar-se-á um polo de





(lacktriangle)



tensão positiva da organização, impelindo-o a lutas segundo o calendário da conjuntura e da oportunidade política.

- 6. As brigadas de juventude devem ser formadas por jovens da base do MPA, por jovens camponeses que não estão organizados no MPA, por jovens que simpatizam com a luta social e política transformadora, quer estejam nas escolas, cursos técnicos e nas cidades. O grupo deve ter perfis de militantes dos mais variados possíveis e desenvolver as mais diversas capacidades de ação.
- 7. Não é grupo de amigos, mas serve para fortalecer os laços de amizade, companheirismo e disciplina. Não é grupo de estudo, mas exige a elevação do estudo preparatório que antecede as ações. Não é um grupo "porra louca" que sai fazendo ações sem preparo e orientação política, menos ainda um grupo que só reúne e nunca faz ações.

Método de Trabalho

- O método de trabalho das brigadas de juventude devem combinar simultaneamente, num mesmo processo, os seguintes elementos:
 - ✓ Teoria revolucionária: preocupar-se com assimilação criativa da teoria socialista.
 - √ Tática e estratégia do MPA: o Plano Camponês.
 - ✓ Itinerante: desenvolver alta capacidade de mobilidade, deslocamento, no território (de uma comunidade a outra, de um município a outro, dentro do estado e nacionalmente) e entre seus membros.
 - ✓ Ações táticas: desenvolver ações com regularidades







segundo as possibilidades abertas pela conjuntura.

- As reuniões das brigadas de juventude utilizam o método da análise, planejamento, ação e avaliação/análise, ajuste da linha, planejamento, ação.
- 3. Recuperar a agitação e propaganda como elemento chave da teoria da organização revolucionária: Assimilamos aqui a contribuição do Levante Popular da Juventude que estabelece os seguintes elementos para a agitação e propaganda, a saber:
 - a) Desafios e pressupostos para agitação e propaganda
 - 1 fomentar a formação política e ideológica da militância e da base.
 - 2 É fundamental articular agitação e propaganda com a estratégia de trabalho de base.
 - A Agitprop não é um fim em si, mas está relacionada com a política mais ampla de cada organização e com sua estratégia e mensagem.
 - 3 Construção do poder popular, pela crítica contra hegemônica e empoderamento da juventude e da classe trabalhadora.
 - 4 Construção dos valores socialistas de solidariedade e coletividade, principalmente através do exemplo pedagógico, da disciplina e do compromisso com a vida do povo.
 - "É preciso que a agitação e propaganda esteja vinculada à estratégia, para que não se torne somente um grupo artístico, um apêndice da organização,







e sim algo que perpassa a estrutura. A agitação e propaganda é tarefa de toda a organização, e não de um grupo autônomo, com linha política própria. Ela tem que se territorializar, tem que servir para potencializar o trabalho de base, para crescer, para multiplicar o grupo, para fazer articulações" (Sistematização do I Curso Nacional de Agitprop -LPJ).

- 4. Estimular e construir subjetividade revolucionária, elevar a autoestima da classe, promover e recuperar símbolos revolucionários e a identidade revolucionária da classe.
- 5. As ações das brigadas podem utilizar-se das mais variadas possibilidades, não possui pauta pré-estabelecida, age de acordo com as necessidades reais do povo, e aproveita as oportunidades políticas que surgem com rapidez.
 - ✓ Aproveitar contradições concretas da vida do povo para fazer lutas: falta de água, estradas, saúde, fechamento de escolas. De forma especial as brigadas podem fazer várias ações em torno da educação, contra o fechamento de escolas e pela reabertura das escolas rurais.
 - Aproveitar contradições no seio do bloco dos inimigos, como: agrotóxicos, corrupção e fraude de empresas, fusão de empresas (denunciando a hipocrisia capitalista da concorrência e livre mercado). Casos de corrupção de políticos da bancada ruralista. Escrachos e tudo mais que a oportunidade oferecer e nossa criatividade política sustentar.
 - ✓ Fazer realizações práticas: reformar escolas, trocar nomes de ruas e escolas e outras entidades que recebem nomes de ditadores por nome lutadores lo-







cais e/ou de expressão nacional, reformar estruturas comunitárias de esporte, lazer, fazer capacitação em práticas agroecológicas e de convivência com biomas, embelezamento de espaços.

6. Participar e qualificar as mobilizações do MPA: avançar no planejamento das ações, na qualidade da agitação e propaganda entre outras.

Nessa perspectiva, materializam ações, imprimindo nelas os princípios, os valores, as concepções e as táticas do MPA. Seus processos são alimentados pela pedagogia da luta revolucionária, envolve mística, criatividade, disposição, auto-organização e a disciplina consciente. Pelas brigadas MAS-SIFICAREMOS o trabalho com a juventude, contribuiremos com a construção do MPA e com a luta da classe trabalhadora.

Quais ações uma brigada pode realizar no dia-dia?

- Atividades de lazer, esporte, festejos...
- Atividades produtivas coletivas, mutirões...
- Parques e embelezamento da comunidade...
- Cirandas com as crianças...
- Ações culturais: reanimar expressões culturais, cinemas, etc...
- Oportunizar atividades com mulheres, idosos...
- Se envolver nos grupos de base das comunidades...
- Atividades de comunicação: rádios, vídeos...
- Reivindicações para resolver problemas com gestão pública municipal...
- Propor mudança de nomes de escolas, praças, ruas...







- Iniciativas criativas solidárias: resolver wifi, fundo rotativo...
- Organizar intervenções e ações nas feiras, escolas, outras comunidades, bairros da cidade...
- Construir intercâmbios com experiências e outras brigadas no município, estado, nacional...
- Agendar com movimento urbano visita na ocupação, periferia, etc...

O que caracteriza um jovem brigadista do MPA?

- Cultiva os princípios e valores refletidos pelo movimento;
- Exercita a disciplina consciente;
- Capacidade de iniciativa, mobilização, organização, formação;
- Disposição para luta e para o aprofundamento do estudo;
- A forma multiplicadora e criativa de atuar (envolve, divide tarefas, etc);
- O exemplo, sua referência e segurança que passa para outros jovens;
- Os acúmulos teóricos e práticos que possui diante da história e da estratégia;
- A ousadia revolucionária e a paciência histórica;
- O esforço para não personalizar os processos;
- Coordena, facilita a discussão e assegurar a realização das deliberações;
- O cuidado com os símbolos, mística, memória;
- Os métodos que desenvolve no trabalho com o povo;
- A forma cautelosa de agir e de cuidar das questões que surgem na caminhada;
- A disposição para cumprir a tarefa necessária que lhe for apresentada;







- O respeito com os companheiros, espaço e tempo,
- Habilidade para sintetizar e sistematizar os processos que conduz;
- A inquietude, a esperança, persistência, saber ouvir...

Devemos nos esforçar para que todos os brigadistas desenvolvam essas características!

OS PASSOS SEGUINTES

Afirmamos que todo nosso esforço com esse trabalho deve ser para colocar a juventude camponesa em ação, com toda sua energia voltada para construção de um projeto estratégico que almeje as profundas transformações da sociedade. Para tanto, é necessário preparar os jovens para que sigam cumprindo as tarefas que acumulam para esse horizonte: fazendo a resistência no campo, construindo a soberania alimentar, atuando organicamente na construção do nosso movimento e na luta da classe trabalhadora, forjando-se como dirigente político.

Assim será fundamental avançamos no trabalho de base com os jovens de forma que este resulte na organização das brigadas de forma criativa e animadora nos vários territórios onde nos encontramos. Nessa caminhada é necessário anunciar a esperança, resgatar as utopias adormecidas, construir relações igualitárias de gênero, levar em consideração as pautas reivindicatórias objetivas que movem a juventude, aprofundar com os jovens os elementos do Plano Camponês, da agricultura camponesa, da construção do poder popular, os desafios do novo momento histórico que estamos vivendo.

Devemos almejar novos acúmulos no conjunto do movimento com a clareza de que a juventude é parte fundamental da construção presente e futura da nossa organização que deve seguir com clareza estratégica e vigor revolucionário. Assim, além dos processos







internos, é necessário que a juventude do MPA eleve o alcance de suas ações olhando o todo da sociedade e contribua para que flua a unidade entre as organizações do campo e da cidade, e para que se fortaleçam os processos da juventude na Via Campesina e na Frente Camponesa do Levante Popular da Juventude, em especial.

FINALIZANDO ESSA CONVERSA

É importante observarmos que os atos de rebeldia da juventude, tem mais solidez quando agem de acordo com uma estratégia. A juventude continua representando uma força extremamente significativa para mudança da sociedade, por isso, encontra-se em disputa econômica, ideológica e cultural. Seu presente parece estar marcado de incertezas por viver num quadro nebuloso da história da sociedade brasileira.

Nesse cenário constatamos que a juventude camponesa é indispensável para reprodução social do campesinato e que mesmo na complexidade do novo momento histórico, os jovens do campo alimentam o desejo de viver no campo, melhorar as suas condições de vida, ter autonomia.

Assim o MPA tem a tarefa de contribuir para que a juventude se mantenha no campo e siga emergindo de forma combativa nas experiências de luta e resistência junto ao campesinato que empunham a partir do Plano Camponês a bandeira da construção socialista. Por tanto o trabalho com a juventude se apresenta como uma condição, uma necessidade para continuar fortalecendo sua autonomia política e ideológica frente aos inimigos da classe trabalhadora.

Seguir... / Sem tirar o pé do chão / Mesmo na contramão / É possível caminhar / Seguir... Descobrindo a história / Confiando na memória / Dos que vivem a lutar / Seguir... Regando a imaginação / Com a juventude em ação / Fazendo novo o sonhar / Seguir... Superando as desigualdades / Construindo novas verdades / É necessário transformar. / Seguir... (Rafaela Alves)







4 – Caravana Nacional de Luta Camponesa 'Clodomir de Morais'

Os dois últimos anos - 2017 e 2018 - sem dúvida foram bastante significativos para a classe trabalhadora que travou muitas batalhas na tentativa de barrar o projeto golpista que ameaça a democracia, a soberania nacional, os direitos e a vida do povo do campo e da cidade. No MPA, se enfrentou a conjuntura como tempo de resistência e de esperança camponesa, e três grandes processos marcaram nossa caminhada: a realização do Mutirão da Esperança Camponesa com as bases do movimento em vários estados do país; a atuação da Caravana Nacional de Luta Camponesa "Clodomir de Morais" e realização de duas Greves de Fome contra a Reforma da Previdência e posteriormente por Justiça no STF - Supremo Tribunal Federal, ambas em Brasília. O ano de 2017 foi também inspirador na rememoração do legado dos 100 anos da Revolução Russa e dos 50 anos da partida física do comandante Che Guevara.

É nesse momento da história do país e com base nos legados das lutas históricas, que nasceu em 2017 a Caravana Nacional de Luta Camponesa do MPA "Clodomir de Morais". O movimento convocou a juventude a conformar uma Brigada, a ousar com criatividade e iniciar a experiência da Caravana Nacional com o objetivo de formar militantes, fortalecer o trabalho de base e de massa, fomentar pela ação a aliança camponesa e operária, desenvolvendo ferramentas de agitação e propaganda junto ao povo diante da necessidade de elevar a organização e o nível de consciência da população sobre a realidade política, social, econômica, cultural, ambiental e produtiva brasileira.

Aqui buscamos sistematizar e compartilhar elementos de reflexão com o conjunto do movimento sobre a experiência da Caravana, iniciada em 2017 na 3º Escola Camponesa da Memória e 1º Escola Nacional de Dirigentes Brigadistas, ambas realizadas em Salvador/BA.







Em seguida os 10 jovens de 07 estados do país: AL, SE, PI, RS, RJ, PA e MT que voluntariamente se dispuseram a essa vivência, entraram em um intenso processo de formação com duração de 45 dias no estado de Sergipe. O processo foi coordenado pela Direção Nacional do MPA com acompanhamento do Coletivo Nacional de Juventude. A Brigada circulou diversos estados com uma estrutura básica apoiada nos primeiros meses pela CNM — Confederação Nacional dos Metalúrgicos: carro, bolsas de contribuição e equipamentos básicos de agitprop. Para assegurar o bom andamento das ações constituiu uma coordenação, definiu a metodologia de acompanhamento, construiu o Projeto Político Pedagógico - PPP, que segue como o documento interno que rege a Caravana.

No período de maio a dezembro de 2017, a Caravana atuou junto às bases do movimento nos estados de SE, PB, BA, PI e PE, somando-se especialmente ao Mutirão da Esperança Camponesa nos referidos estados que construíram, a partir das suas realidades, o plano de atuação e as estruturas necessárias. Além da agenda cumprida nos estados, a Caravana assegurou participação e contribuição em atividades nacionais: Encontro Nacional do MAB, circulação de militantes para contribuir em atividades de formação de brigadas de juventude, participação em cursos como: Questão Agrária Nordeste, formadores do Levante, LGBT do MST, processo de mobilização para o Fórum Social das Águas em Petrolândia/PE e reunião ampliada da Coordenação Nacional do MPA realizada no Espírito Santo. Muitas foram, portanto, as demandas que surgiram para a Caravana.

Depois deste primeiro período de intensas atividades, com o acirramento da conjuntura, os jovens brigadistas foram convidados a continuar o trabalho da Caravana e a acolher mais dois novos integrantes do ES e do PE, que seguiram atuando em 2018 com um plano de trabalho envolvendo as bases do movimento nos estados de RS, PE, BA, RO, MT, e envolvimento na realização de atividades a nível nacional e internacional, como: 4ª Escola Camponesa da Memoria e 2ª Escola de Brigadistas realizadas pelo MPA em São Paulo/SP; Fórum Alternativo Mundial da Água em Brasília/DF; Greve de Fome







por Justiça no STF, organizado pelo MPA e outros movimentos da Via Campesina e do Campo Unitário; Acampamento por Democracia na Defesa de Lula em Porto Alegre/RS; Vigília Lula Livre em Curitiba/PR. Depois desta temporada alguns jovens retornaram aos seus estados para contribuir nas brigadas estaduais, os demais foram organizados para contribuírem nas brigadas eleitorais nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, permanecendo entre os meses de setembro e outubro.

De acordo com os relatórios elaborados pela Caravana em cada estado, verificamos que no somatório desse tempo de circulação: mais de 47 mil km rodados, mais de 50 mil pessoas de 140 comunidades distintas em 75 municípios do Nordeste, Norte, Sul e Centro-Oeste, em contato direto com a mensagem da Caravana, a partir das reuniões, mutirões comunitários, oficinas no campo da agitprop, da produção, da educação, noites culturais, teatros, músicas, intervenções em escolas, eventos, rádios, atos, etc. O processo assegurou envolvimento de mulheres, homens, crianças, jovens, idosos, professores, lideranças, militantes, dirigentes e organizações locais.

A passagem da Caravana nas diversas localidades, sem dúvida, provocou o povo a: retomar processos de organização na comunidade; participar e construir a Frente Brasil Popular; lutar em defesa da democracia, dos direitos, da água, dos territórios, da soberania nacional; organizar brigadas de juventudes e cirandas nas comunidades; produzir alimentos saudáveis, recuperar as sementes crioulas. É importante destacar que todos os depoimentos registrados junto ao povo que teve contato com Caravana firmaram a importância do trabalho realizado pelos jovens com compromisso, ousadia, criatividade e beleza inspiradora, sobretudo, para a juventude.

Nos relatórios da Caravana encontramos ainda registro de elementos relacionados a dados, descrição das atividades realizadas, metodologia de trabalho, reflexão crítica sobre a atuação do movimento nos estados e da própria caravana (fragilidades, desafios, avanços, possibilidades). No geral, os elementos mais relevantes e





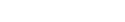


comuns que se evidenciam nos relatos e nas avaliações processuais apresentam: o esforço da militância em todos os estados para construir o movimento, a identificação do povo com os conteúdos e formas de trabalho da Caravana; o cenário comum de problemas que vivem o povo e o desejo de resolvê-los; a evidente evolução política dos jovens ao vivenciarem a Caravana (na disciplina, convicção, convivência, na técnica de trabalho com o povo); a necessidade de debater nas comunidades temas como segurança, agrotóxicos, relações de gênero; necessidade de avançar na comunicação da experiência da Caravana para fora, assegurar equipamentos, contribuição mensal a cada jovem e transformar o desafio do estudo e da elaboração em hábito militante.

Diversos são os elementos que poderíamos destacar dessa caminhada da Caravana. Inclusive, é importante lembrar o exemplo inspirador de doação voluntária que estes jovens deixam para outros jovens, bem como para suas comunidades, famílias, para o povo, em tempos em que tudo precisa ser pago e as pessoas não veem possibilidades de ação fora da remuneração. Sem dúvida esses jovens mostram comportamento e atitude que geram impactos muito positivos na militância como um todo. Diariamente podemos ver os efeitos dessa escola viva nas reflexões sobre as lições aprendidas, no crescimento individual e coletivo, na promoção de iniciativas solidárias para arrecadar recursos de auto sustentação junto ao povo, sobretudo nos sacrifícios que são capazes de fazer para não abandonarem o compromisso e nem colocarem as questões estruturais acima de suas tarefas, demonstrando convicção, confiança nos companheiros, amor ao povo, adesão consciente à ideia da Caravana e aos propósitos do movimento.

Buscando agora realizar um balanço mais político da Caravana, dialogando com elementos já apontados por companheiros/as da direção do MPA, destacamos que a Caravana ou as Caravanas que buscamos organizar, não são a estratégia do MPA, e sim, um método de formação de militantes, instrumentos para propagar a mensagem política do movimento e fomentar a organização do povo. Esses 18







meses de ação mostram que ela pode contribuir para construção do nosso movimento de massa, visto sua capacidade de diálogo e inserção no meio do povo organizado ou não. Os resultados do trabalho realizado podem ser ainda maiores se melhor organizarmos um programa interno de formação objetivando elevar o patamar de compreensão teórica, prática e técnica da militância da Caravana para fomentar a luta camponesa e a estratégia da luta revolucionária. Nesse processo é importante considerarmos que a Caravana com 10 militantes, não dá conta das tantas demandas, porém forma e gera um método de trabalho de base e de massa que pode ser replicada ao evidenciarmos sua eficiência.

É fato que o trabalho protagonizado por jovens e o método de trabalho pelas ferramentas das artes, de comunicação, da cultura popular na concepção da agitação e propaganda, possibilita no povo simpatia, abertura e mística. Assim, desperta, contagia, cria a sensação do novo e abre as portas do diálogo, da reflexão crítica provocada para retomada da esperança e ânimo para organização e luta. A atuação da Caravana precisa ser, portanto, refletida dentro dos princípios do trabalho de base, em um processo sistemático, permanente, com etapas claras que levam em consideração a atuação das lideranças que lá já estão e um plano mínimo para chegar à construção de ações e experiências locais de poder popular mediante a realidade local. Não pode ser apenas uma passagem (apesar da passagem ter sua importância, sobretudo quando a direção local se compromete com os passos posteriores que foram animados). Essa reflexão nos faz afirmar a importância da construção das Caravanas estaduais, cuja tarefa central se constituiria no trabalho sistemático com o povo. Porém é fundamental, neste momento da história, aprofundar a compreensão desse trabalho com toda militância, retomar o estudo das experiências construídas pelo MCP – Movimento de Cultura Popular, CPC - Centro Popular de Cultura, UNE volante, Ligas Camponesas, Grupo Raízes Nordestinas em Sergipe e das brigadas coletivas entre movimentos realizadas nos últimos períodos, entre outros.

Imaginamos que os dirigentes, os militantes, os jovens que







se encontram um pouco mais distantes do acompanhamento da experiência da Caravana devem se perguntar se os jovens militantes brigadistas envolvidos na caravana elevaram sua consciência politica? Apontam-se como quadros políticos do movimento prontos para atuar nas regiões? Em mais algum tempo terão condições de organizar o povo e construir o movimento em algum estado?

Precisamos compreender que 90% dos jovens que estiveram inseridos nessa primeira experiência da Caravana, estiveram também iniciando a vida militante, atuam há menos de um ano no MPA, porém possuem disposição, convicções, identificação e confiança profunda nos propósitos do movimento e da luta de classes, energia criativa, esperança, sonhos que alimentam a disciplina com o trabalho e preocupações com a forma e conteúdos que devem ser refletidos junto ao povo. Evidente que os jovens não possuem ainda acúmulos teóricos e práticos da estratégia suficiente para aprofundar a reflexão sobre o trabalho e os caminhos táticos para que sua ação flua mais intensamente no meio das bases e nas massas. Assim, necessitam permanentemente do processo de formação, acompanhamento e da contribuição dos dirigentes na formulação tática de sua atuação. Sabemos, porém, que essa clareza dirigente será adquirida com o tempo, será fruto do estudo, da reflexão, da ação prática, do conhecimento da realidade política, econômica, social, cultural do povo. Porém, é possível perceber em alguns, algumas características importantes que contribuem para construção do dirigente.

Mesmo sendo pouco o tempo e histórico de atuação dos brigadistas da Caravana no MPA, por todo processo vivido e acumulado até aqui, também nas brigadas estaduais e nacionais realizadas desde 2013, quando realizada a luta contra a Monsanto, podemos afirmar que os jovens estão dispostos a lutar e disputar o presente e o futuro; que o tempo não é definidor da capacidade e das possibilidades de ação dos jovens no movimento. Se bem preparados e com clareza da estratégia do movimento podem canalizar suas energias para o plano camponês, para um projeto estratégico de sociedade, cumprindo tarefas com objetivos e metas para as quais foram convocados com muito empenho e criatividade. Os depoimentos seguem afirmando o cumprimento dos objetivos iniciais traçados na Caravana:







"A Caravana Nacional de Luta Camponesa do MPA "Clodomir de Morais", cumpriu um importante papel na sua rápida, porém cativante passagem pela Bahia. O sucesso desse trabalho se deve tanto a formação política e técnica dos militantes envolvidos na Caravana, como o método que é utilizado para trazer até as pessoas o tema, tanto da conjuntura política do nosso país como as técnicas de agitação e propaganda para o trabalho formativo com a base. Nesse sentido o trabalho foi importante em dois aspectos: primeiro, na formação dos próprios brigadistas da Caravana, que ao fazer esse trabalho conheceram as várias facetas ou as particularidades do MPA e das organizações parceiras no estado, também de como se desenvolve a exploração do capital por estes lugares onde tem passado. O segundo aspecto é a importância para o MPA na Bahia dessa intervenção da Caravana foi desde a capacitação e formação dos militantes para intervenção nas bases, através do Mutirão da Esperança Camponesa e a atuação desses nas instâncias organizativas do movimento, assim como a animação das bases, a partir da metodologia adotada no trabalho com as comunidades e que foi oportuno a estes passarem desde o trabalho com as crianças aos idosos, e em especial o trabalho com a juventude, com a batucada e as intervenções teatrais. Em





resumo, uma experiência muito rica e que acredito que deva ser adotada de forma mais sistemática aqui na Bahia, tanto para o trabalho de organização de massas, que já é feito pelo MPA, como na sua relação com os parceiros da Via Campesina e dos trabalhadores urbanos."

Eulália Santos, Jacobina - BA.

Apesar de o processo ser bastante bonito e motivador, é preciso reconhecer as fragilidades e os desafios que estão presentes na caminhada: a disciplina e a convivência do grupo no início do trabalho; ter mais dirigentes com a tarefa de contribuir permanentemente no processo; a organização da agenda de atuação; assegurar mensalmente uma bolsa para cada jovem, equipamentos de agitprop e de comunicação; a insegurança na situação financeira; o programa e o método de formação, avaliação e o monitoramento de todo processo; enfrentar as questões de gênero e debates ainda não aprofundados no MPA; diálogo com as famílias dos jovens; manter alguns na Caravana diante da situação das famílias (três jovens precisaram sair da caravana por conta das necessidades da família e uma jovem por problema de saúde e estudo).

Para tanto precisamos desde já: consolidar os coletivos de juventude nos estados e nacional para coordenar os trabalhos; identificar jovens dispostos à experiência da próxima caravana; construir as condições estruturais, inclusive as bolsas de contribuição solidária mensal para cada jovem; organizar escolas, cartilha e um programa de formação que dê unidade nacional ao processo das brigadas e caravanas; elevar a capacidade de ação dos agitadores; aprofundar reflexões nas instâncias sobre o papel da Caravana no próximo período histórico, a forma de renovação, método de acompanhamento e monitoramento, agitação e propaganda na perspectiva camponesa, tarefa dos militantes no movimento ao concluírem seu tempo de contribuição da caravana, o papel da Caravana e das brigadas nacionais em 2019.







Precisamos seguir firmes nesse novo tempo tenebroso que para nós se apresenta. Sejamos protagonistas de bonitas experiências que afirmam a juventude na construção do movimento que nos faz exercitar a capacidade de, enquanto Movimento, qualificar o trabalho de base, de massa, rumo à construção do Poder Popular. Sem dúvida foi acertado o esforço e ousadia coletiva na construção da Caravana. Esse processo nos desafia a consolidar a Caravana Nacional, estaduais e as Brigadas como espaço máximo de formação e ação política da juventude no movimento. A juventude do MPA é de fato disposta e encantadora. Por muitas vezes testemunhamos a emoção de camponeses, jovens, crianças e dirigentes ao verem a atuação daqueles jovens convictos e comprometidos com a luta do campesinato, da classe trabalhadora.











BLOCO II AGITAÇÃO E PROPAGANDA

05 - Agitação e Propaganda no MPA

Sempre que falamos de Agitação e Propaganda ou agitprop, recordamos os trabalhos desenvolvidos por militantes da causa revolucionária no processo da Revolução Russa em 1917. Assim nos referimos a um método, que reúne um conjunto de formas e táticas para realização do trabalho que resulte na sensibilização, mobilização, na organização e na formação do povo. A experiência desenvolvida pela Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul, tratava a agitação e propaganda também como à comunicação de ideias com as massas, possuía uma grande preocupação com a formação dos quadros para desempenhar as tarefas. Compreendia que uma ideia fixada em um grupo, se torna forte, durável, infinitamente difícil de neutralizar. Os processos de Agitação e Propaganda desenvolvidos ao longo da história das revoluções socialistas no mundo, tem em comum diversos elementos, sobretudo o horizonte maior que é a contribuição na organização do povo para revolução, para construção de um projeto estratégico de profundas transformação da sociedade.

Nesse contexto é importante destacar que a agitprop serve a um movimento social de massa, ela é mais que técnica ou estética política, ela é ferramenta de luta, que tem como objetivos centrais: deslegitimar o projeto da elite; provocar reflexões e socializar informações nas massas; colaborar na preparação do terreno para organização social; acumular força na consciência da classe trabalhadora. Na perspectiva de conceituar podemos afirmar, que, agitação significa - poucas palavras/ideias para muitas pessoas (feiras, murais, místicas), e a propaganda muitas palavras/ideias para







poucas pessoas (discursos, reuniões), por exemplo.

Nessa perspectiva, os militantes que desempenha as ações de agitprop devem ser mais que artistas, animadores de atos ou panfleteiros, devem atuar de acordo com as definições do movimento, de acordo com a leitura da conjuntura e estratégia. Os agitadores e propagandistas devem se formar política, ideológica e tecnicamente para dar conta das necessidades da vida militante, dos desafios da agitprop, bem como dos objetivos da organização. Para ser eficaz, a agitprop precisa fazer a conexão entre a estratégia da organização e os pontos centrais das contradições que emergem nos momentos históricos e conjunturais do país. Esses momentos nos permitem ataque de denúncias às estruturas de poder, ação contra hegemônica e protagonismo popular que pode ser aceso pelo exemplo pedagógico dos militantes.

Nossa tarefa ao fazer agitprop usando qualquer linguagem, é ligar a "parte" ao "todo", fazer com que os problemas imediatos e cotidianos do povo sejam compreendidos dentro do sistema mais profundo que rege o funcionamento da sociedade. Quando construímos ações com teatro, música, faixas, muralismo, grafites cartazes, programas de rádio, revistas, panfletagens, escrachos, entre outros, causamos um efeito de estranhamento das relações de poder naturalizadas no meio da população oprimida. Essa abertura possibilita nossa entrada para elevarmos o nível de consciência da classe e construirmos experiências organizativas mais prolongadas e sólidas. Por isso devemos sempre ter claro o objetivo da intervenção, isso define a forma e a duração. Sistematicamente, temos trabalhado com duas formas gerais de agitação e propaganda:

1) A intervenções radicalizadas, que pretendem ferir de forma a expor uma grande contradição e enfraquecer o inimigo, nos projetando e alterando o nível do debate político na sociedade. Um exemplo disso foram os escrachos realizados pelo Levante Popular da Juventude nos últimos períodos. As ações de grande impacto são de caráter mais imediato e de desestabilização do inimigo, exigem também um maior nível de preparação.







2) A intervenção construídas para o cotidiano, que se soma à lógica do trabalho de base, assim devem ser pensadas em um processo planejado e prolongado, de acordo com cada realidade no campo ou na cidade. Os militantes devem aprender a fazer a leitura de quando utilizar cada uma, muitas vezes acontece de uma mesma bandeira de luta necessitar de ser trabalhada nas duas perspectivas, como é o caso da luta permanente contra os agrotóxicos, o agronegócio.

Buscando agora ser mais específicos e trazer o debate da Agitprop para a realidade camponesa e para dentro do MPA -Movimento dos Pequenos Agricultores, de princípio, é importante afirmar que esses elementos aqui sistematizados não são novos, até porque, nosso leito histórico teórico sempre nos permitiu um contato com essas compreensões na teoria e prática. Se buscarmos a história das ligas camponesas, por exemplo, veremos que na década de 50 já utilizavam entre outras formas, os livretos de cordel na feira para comunicar mensagens aos camponeses e os fogos de artifícios como código da comunicação. Assim também segue a construção dos movimentos camponeses no Brasil, constatamos um esforço na construção de formas e táticas para realizar o trabalho objetivando mobilização e organização, em especial no campo.

No MPA, afirmamos que a agitprop está vinculada à estratégia do movimento, por isso é tarefa de toda organização, em especial deve potencializar o trabalho de base que é a essência da construção das experiências de poder popular, bem como, a nossa aproximação e no diálogo com os trabalhadores urbanos. Temos buscado recuperar a agitprop como elemento chave da teoria da organização revolucionária, nos desafiando a construí-la dentro de uma concepção camponesa, entendendo os seus desafios e pressupostos, e com ela buscando fomentar a formação política e ideológica da juventude, da militância e da base. Neste sentido, a agitprop hoje se constitui também como uma das tarefas da juventude a partir das Brigadas, que é espaço de organização, formação e ação política da juventude do MPA. Por elas formamos militantes agitadores e propagandistas com valores socialistas, de solidariedade







e coletividade, principalmente através do exemplo pedagógico, da disciplina e do compromisso com a vida do povo.

Afirmamos que os jovens militantes agitadores devem: buscar desenvolver ao máximo suas capacidades, acumular o máximo de conhecimento sobre agitprop, buscando assim aprender a desenvolver todas as linguagens e técnicas para se comunicar com o povo: teatro, música, discurso, poemas, místicas, grafites, cinemas, murais, panfletos, rádios, cinemas, horta urbanas, feiras de alimentos saudáveis, entre outras. No processo de organização e de ação das brigadas temos percebido uma maior preocupação e aperfeiçoamento dos jovens na linguagem do teatro, muito utilizada no trabalho de base, inclusive pela Caravana Nacional de Luta Camponesa "Clodomir de Morais" e pelo Grupo Raízes Nordestinas em Sergipe. Também percebemos as iniciativas de formação das batucadas camponesas, preparadas, sobretudo, para os atos e mobilizações.

Agora cabe a nós aprofundar essa reflexão sobre a agitprop no MPA e seu papel na luta de classe no atual estágio histórico do país. Necessitamos conhecer as experiências desenvolvidas ao longo das revoluções socialistas no mundo, as experiências em andamento no Brasil e no nosso próprio movimento. Precisamos ainda, aprofundar nossa leitura sobre a conjuntura do país marcada por uma derrota estratégica e ideológica. O novo cenário nos obriga a atualizar as táticas e as formas de trabalho com o povo. Nas brigadas temos, portanto, vários desafios, entre eles o de desenvolver uma agitprop levando em consideração o momento histórico, os elementos da vida, da estética e da realidade camponesa que a cada dia fica mais complexa. Nesse trabalho precisamos nos afirmar enquanto sujeitos da história. Para tanto é fundamental avançar no estudo, nas avalições e no planejamento das nossas ações dentro de uma concepção camponesa.







O QUE DEVE CULTIVAR UM MILITANTE AGITADOR E PROPA-GANDISTA DO MPA?

- 1. Gostar de ser e estar no meio do povo, ter abertura para aprender e ensinar ao povo com formas diferentes;
- 2. Ter sensibilidade política para perceber os momentos certos de atuar, recuar e avançar;
- 3. Saber lidar com as contradições que aparecem na caminhada;
- 4. Se esforçar para desenvolver as capacidades individuais e dos companheiros;
- 5. Gosta de criar, estudar, pesquisar, sistematizar, fazer leitura e análises da realidade de forma permanente;
- 6. Espírito de: companheirismo, solidariedade, sacrifício, desprendimento, coletividade;
 - 7. Tem firmeza, convicção, coerência ideológica;
- 8. Não se deixar levar pelos problemas, dificuldades do trabalho ou se seduzir pelo poder;
- 9. Acreditar que as mudanças profundas nascem, crescem e acontecem somente com o povo organizado;
- 10. Ser exemplo no trabalho, iniciativas, superação dos limites, prontidão para tarefas árduas do cotidiano...
- 11. Se esforçar para que toda comunicação seja feita com sentimento, para que alcance a dimensão objetiva e subjetiva das pessoas, o conteúdo e a forma não se separam, precisam de igual intensidade de preocupação.

"Se a canção rebelde não levanta os povos de que serve a mudança de marcha"?

"Sem conteúdo revolucionário não há ARTE revolucionária" (Maiakóski)







06 - Da Cultura Popular à Comunicação, Agitação e Propaganda

"...O conceito clássico de cultura, como tudo aquilo que fazemos e que garante nossa reprodução, não é suficiente para dar conta de nossos desafios. A cultura popular precisará ser recriada e reinterpretada partindo de uma ação contra hegemônica. Ela precisa estar a serviço da emancipação dos seres humanos, onde o povo assuma o papel de protagonista e produtor das expressões culturais. A cultura deve ser produzida e dirigida para os trabalhadores, que precisam se apropriar das técnicas e criar uma nova cultura com base na realidade concreta, apontando para a superação do capitalismo." (Caderno de Cultura do MST)

Ao longo de toda história da humanidade o povo, em um processo coletivo, produziu e produz cultura como forma de vida, expressão, resistência, identificação. A cultura se constitui em um importante elemento da construção do poder popular nos territórios onde o povo constrói a história, resgata a memória, desenvolve novas formas de lutas, projetam valores, símbolos, despertam suas capacidades, criatividades. A cultura, juntamente com a comunicação, devem ser ferramentas de luta e cumprir com papel agregador das classes populares no engajamento da luta. Pela cultura desenvolvemos elementos capazes de construir uma vontade coletiva comum que se contraponha às ideias da burguesia no mundo.

Nos movimentos camponeses, sobretudo, percebemos a existência de uma preocupação histórica com a dimensão da cultura na vida do povo, por reconhecer nela possibilidades de resistência que carregam nas diversas formas como expressam no dia-dia e por hoje estarem buscando desenvolver, com a juventude, um processo de formação para alimentar o trabalho de base e de





massa articulado com a dimensão da cultura, da comunicação e da agitação e propaganda. Esse processo decorre das necessidades do atual estágio da sociedade, onde se ampliam com muita velocidade as formas de alienação das consciências, a reprodução de valores do sistema capitalista que estabelece hegemonia na direção moral e ideológica das massas, por estarem desprovidas de uma consciência crítica e da identificação com o projeto da sua classe.

Nesse processo surgem diversas perguntas que podem nortear reflexões de um aprofundamento necessário a atual conjuntura: O que é cultura? Qual o papel da cultura na luta da classe trabalhadora? Quais impactos a conjuntura econômica e política causam na cultura do povo? O que temos de expressões e experiências culturais resistindo? Que tipo de comunicação devemos produzir? Porque os jovens precisam refletir e fortalecer práticas artísticas e culturais nos movimentos? No Brasil quais e como foram organizadas as experiências em torno da cultura? O que tem a ver a agitação e propaganda com o debate da cultura e da comunicação?

Olhando a história do Brasil, observamos que no final da década de 50 e inicio da década de 60, além das grandes movimentações sociopolíticas e econômicas do governo João Goulart, o Brasil viveu também um período de grande efervescência artística. Ao mesmo tempo em que os movimentos organizavam-se para reivindicar reformas estruturais no país, os jovens, artistas e intelectuais, inspirados pelo TPE - Teatro Paulista do Estudante e do Teatro Arena de São Paulo, criavam, em 1961, no Rio de Janeiro, o CPC - Centro Popular de Cultura associado a UNE – União Nacional dos Estudantes, objetivando o desenvolvimento de uma "Arte Popular Revolucionária", que posteriormente se materializou através da Une Volante ao circular o país propagando a discussão da Reforma Universitária, inserida nos debates das reformas de base propostas na época pelo governo Jango.

O processo do CPC se espalhou em vários estados e cidades do país, reunindo artistas em um movimento multidisciplinar com







várias artes: teatro, música, cinema e literatura. Acreditavam que o fazer artístico não tinha sentido se fosse realizado meramente desalienando e inconformando sem atitudes revolucionárias. Partindo do desejo de uma arte popular e comprometida, do CPC nasceu a ideia de um Centro Cultural que pretendia abarcar todas as áreas da cultura, ao mesmo tempo em que viesse a mexer com o universitário e com o povo dos sindicatos, periferias e o campesinato, numa verdadeira liga estudantil-operário-camponesa.

Paralelamente a movimentação do CPC acontecia no país o MCP — Movimento de Cultura Popular que nasceu e permaneceu no nordeste, mais precisamente no estado de Pernambuco, atuou com apoio da Prefeitura de Recife gerida por Miguel Arraes. Entre os protagonistas da experiência estava Paulo Freire que desenvolveu diversos elementos da educação popular e inaugurou em Pernambuco a experiência mais efetiva de alfabetização de jovens e adultos do país. Com seu método buscava ensinar os trabalhadores a ler o mundo e não apenas as letras. O trabalho partia das questões da realidade do povo, como direitos sociais, uso e distribuição da terra - em cima destas, dramatizava as questões sociais, utilizando expressões culturais e folclóricas locais como: cordel, bumba-meuboi, pastoril e outras como pontos de relação com a comunidade.

Os legados deixados por essas duas experiências para as organizações sociais no Brasil são diversos. Entre eles está o teatro de agitprop desenvolvido pelo CPC e tratado como um dos principais eixos de trabalho na época. Possuía grande semelhança, em sua estrutura e procedimentos, com o teatro de agitação e propaganda da União Soviética que depois da guerra civil foi convertido em ferramenta de propaganda política com objetivo de convocar, informar, educar e mobilizar as massas para se organizar e ingressar na luta pelas reformas estruturais.

Outro legado importante do CPC foi o teatro camponês, desenvolvido para trabalhar junto às ligas camponesas no nordeste, com método próprio, sem textos prontos, sem receitas. Seus







produtores escreviam concentrando-se nos problemas detectados no próprio local, aonde chegavam permaneciam por alguns dias e analisavam a comunidade, sua rotina, seus principais problemas, com a finalidade de elaborar um espetáculo em que a comunidade se visse refletida.

Dentre as peças, podemos citar a peça Mutirão em Novo Sol - em 1959 - quando ocorreu um levante camponês em Jales, São Paulo. Os latifundiários queriam mudar o sistema produtivo para a pecuária extensiva, então soltavam o gado para que comessem as plantações dos pequenos agricultores que ali residiam. Com essas atitudes expulsavam o povo e passavam a plantar capim nas terras. Descontentes com essa situação, os camponeses se organizaram para enfrentar os latifundiários. Resolveram arrancar o capim e retomaram suas terras. Esse movimento ficou conhecido como Arranca Capim.

Podemos afirmar que o CPC foi o único movimento artístico e cultural a atuar em escala nacional como ferramenta de massa da classe trabalhadora. Promovia também a venda de livros a preços populares, foi pioneiro na realização de filmes auto financiados, cursos de teatro, artes visuais, filosofia, alfabetização. A UNE-Volante atuava com as bases universitárias, operárias e camponesas a partir das oficinas de literatura de cordel, teatro de rua, teatro camponês. Levavam a arte política ao povo nos locais de trabalho, nas feiras. Andavam acompanhados de shows musicais, para os quais convidavam: sambistas, Nelson Cavaquinho, Cartola e Vinícius Morais, entre outros.

Lamentavelmente o CPC teve seus processos interrompidos em 1964 com o golpe militar. A elite brasileira destruiu uma das poucas experiências de articulação entre camponeses, operários, estudantes e artistas. A partir daí, o regime militar passou a incentivar a criação do sistema nacional de televisão (cujo o maior expoente é a Rede Globo). Com esse sistema muito bem estruturado, passamos ao tempo em que a televisão, como plano ideológico das elites, se







configura como o principal meio de comunicação e propagação de mensagens para as massas.

Ao analisar as experiências históricas que foram desenvolvidas percebemos que elas articulam o sentido mais amplo da cultura, da comunicação, da agitação e propaganda com as massas, podemos concluir que elas cumpriram e podem seguir cumprindo um papel determinante na mobilização e na formação do povo, sobretudo nesse momento de acirramento da luta de classes no Brasil, onde se necessita de um esforço ainda maior das organizações sociais na formulação do trabalho com a classe trabalhadora.

As lições da história e as ideias que nascem na atualidade fundadas nos desafios da luta de classes, podem estabelecer um diálogo criador e criativo na formulação do trabalho que precisamos realizar para formação das consciências e na construção do poder popular junto ao povo. É importante destacar que no MPA temos buscado desenvolver essa perspectiva de cultura política a partir do trabalho com a juventude, na organização das brigadas e da caravana nacional de luta camponesa. Essas iniciativas possuem na sua formulação, diversos elementos que dialogam com as perspectivas das experiências históricas de trabalhos com as massas, como é o caso do CPC.

No MPA o debate da cultura se coloca como um eixo dentro do plano estratégico do movimento que é o Plano Camponês. Seu sentido objetivo e subjetivo é considerado dentro dos processos do movimento, visto que no dia-dia a cultura perpassa por todas as dimensões da vida dos/as camponeses/as no jeito de ser, viver, produzir, organizar, relacionar-se. Nos debates mais conjunturais realizados nos últimos períodos com a juventude do MPA, trabalhamos o tema da cultura e buscamos acumular compreensões a respeito de duas dimensões da cultura que sempre são questionadas:

Cultura Industrial: como ação do capital, pensada pela elite para padronizar, dominar, manipular, as mentes, os povos. Surge a partir da segunda revolução industrial no século XVIII na Europa.







Como resultado dela, todas as artes e culturas foram submetidas às regras do mercado por determinação da ideologia dominante, passando a artefatos ou elementos mercantilizados. Na "cultura de massa" os elementos perdem a importância, sentido. Os valores são invertidos, os sujeitos perdem a capacidade de produzir, criar, sentir e de se identificar. O trabalho e a criação não são mais fundamentais na vida coletiva, prevalece reprodução e eventos de espetacularização.

Cultura Popular: como manifestação dos costumes, crenças, hábitos, folclore. É uma construção de cada povo em seus territórios. Manifesta-se nas coisas mais simples e mais complexas do diadia. Cultura tem a ver com a identidade dos sujeitos, somos o que fazemos e como fazemos. A cultura é a lente de um povo, por ela reflete sua visão de mundo, por isso nunca poderá submeter-se a lógica do capital. Cada povo tem sua própria cultura e a expressa na forma de produzir alimento, na relação com a natureza e com outros povos, nas linguagens, simbologias, na arte, na forma de celebrar. Cultivam e recriam cultura a partir do contexto da sua realidade, das suas regiões. Povo sem cultura é povo sem memória, sem história, passivo à imposição.

Os camponeses/as têm como base de sua cultura a vida coletiva que se expressa nas formas de resistência, solidariedade nas relações de vizinhança, na forma de festejar, confraternizar, nas tradicionais manifestações artísticas, culturais, como na dança, na música, na sua religiosidade e espiritualidade, na produção, na troca de alimentos, nos laços comunitários, e assim por diante.

Culturalmente as famílias camponesas foram colocadas à margem da sociedade. No campesinato encontramos a maior diversidade de "expressões culturais" em processo de resistência, o que fundamentalmente, torna a cultura do povo brasileiro tão expressiva e cheia de significado, herdada, sobretudo das nossas matrizes originárias, do povo negro e índio.

É fundamental compreender que a elite brasileira busca, por meio da imposição da indústria cultural, apagar toda memória







histórica dos fatos e dos feitos da classe trabalhadora. Precisamos voltar às questões que apontamos no início desse texto para termos condição de aprofundar o debate de cultura, possibilitando uma real ligação na reflexão entre a história, a conjuntura atual do país, as experiências e os desafios do MPA frente à formação da classe trabalhadora.

Como temos afirmado, olhando para o presente e para o futuro, a juventude camponesa tem diversos desafios e tarefas, entre elas, a de resgatar e produzir novos acúmulos culturais junto à classe trabalhadora e ao campesinato. Desenvolvendo assim uma cultura de luta na construção da história. Precisa também resignificar questões que se tornaram cultura no seio do campesinato, herdada e reproduzida do sistema das elites opressoras, que não dialogam com o projeto de sociedade que defendemos e buscamos construir no país, a exemplo do machismo, do patriarcado, a forma hierárquica de tomar de decisões.

Precisamos cuidar da cultura camponesa por todo seu sentido e papel. A juventude precisa beber de experiências culturais que se transformaram em valores entre o campesinato: a solidariedade, a relação com a natureza, quais sejam: as plantas, água, o conhecimento da lua, das estrelas, o nascer e por do sol, as chuvas, manifestações que a natureza realiza e que se traduz em um saber de milhares de anos de observação que só o campesinato percebe.

"Assim como o agronegócio está para a agricultura camponesa,
A indústria cultural está para cultura popular!
A indústria cultural se apropria da arte pra gerar mais capital.
Arte também para questionar, arte também para transformar!".







07 - Luta de Classes e a Estética Camponesa na Agitação e propaganda

Ao iniciarmos uma reflexão sobre luta de classes e estética no trabalho de agitação e propaganda camponesa, de princípio, é importante lembrar elementos da conjuntura do país, como a derrota que sofremos durante os últimos períodos resultando na ascensão da extrema-direita ao governo em 2018. Esse fato expressa também uma derrota estética. "Nossa bandeira jamais será vermelha!" Gritavam os mais entusiastas. No fundo, a frase é a expressão de compreensões e críticas maiores que a própria cor. O vermelho tem um significado profundo para as lutas da classe trabalhadora no Brasil e no mundo, representa as conquistas do povo, a cor do sangue, mais forte que a cor da pele. O vermelho é a cor que todos os seres humanos têm em comum. O medo que a bandeira do Brasil seja vermelha expressa o medo do socialismo, medo de outro sistema de sociedade capaz erradicar a exploração, as desigualdades sociais, que ao logo da história impôs o martírio da classe trabalhadora. Hoje, quem grita o medo ao vermelho, ostenta a paixão ao verde e amarelo, as cores que surgem na nossa bandeira durante o Brasil Imperial, representavam as cores do brasão da família Bragança-Lorena.

Quando o Brasil se tornou República, as cores da bandeira passaram a significar riquezas minerais e florestais, existentes nos diversos territórios camponeses, porém cobiçadas e exploradas pelo capital desde a chegada dos europeus. E quem realmente defende nossas riquezas e a soberania nacional, se não os povos originários e tradicionais: indígenas, quilombolas, camponeses, sem-terra, pescadores, trabalhadores do campo e da cidade que se preocupam com as gerações presentes e futuras, organizados em movimentos sociais, populares e sindicais? Na derrota estética está implícita a disputa de projetos e dos rumos da sociedade.

As cores do povo, da classe trabalhadora, foram, portanto "trocadas" pelas cores da bandeira do país, que apesar de ser





considerada de toda nação foi usurpada pela burguesia e por ela foi tomada para expressar suas ideias. Porém é verdade que a massa desprovida de uma consciência crítica, seguiu as cores da bandeira, porque com nela se identificava e julgava ser o mais correto a fazer. O verde e o amarelo usados com o propósito de mascarar as verdadeiras intenções da ascensão da extrema-direita: alinhar-se aos interesses imperialistas norte-americanos, assegurar um estado mínimo, tomar os territórios dos povos originários, impedir o avanço da organização e da luta social, entre outros. Tudo foi pintado às cores da bandeira para parecer patriota. A linha estética definiu quem estava de um ou de outro da história.

Mas qual estética é a ideal para expressar a verdadeira identidade do povo brasileiro? Augusto Boal, um importante dramaturgo brasileiro, aponta para um horizonte, às vezes mais próximo do que possamos imaginar: valorizar, incentivar e "criar nossa própria cultura, sem servidão àquelas que nos são impostas, é ato político e não apenas estético; ato estético, não apenas político". Diante de todo esse contexto precisamos aprofundar a reflexão a respeito do papel dos símbolos e da estética nos processos de construção e no desenvolvimento da luta de classes, em especial na atual conjuntura do país. Observar a forma como nos colocamos para efetivar o diálogo com as massas é uma tarefa cotidiana, pois, naturalmente, os símbolos são portadores de conteúdos, mensagens, ideias, identidades, história.

No MPA, nos últimos anos, temos buscado organizar os jovens camponeses através das brigadas que se configuram como espaço de organização, formação e ação política da juventude. Entre seus objetivos estão às ações de agitação e propaganda com a massa no campo e da cidade. No caminhar desse processo, têm surgido diversas reflexões a respeito da estética necessária ao desenvolvimento do nosso trabalho. Entendemos que para forjar a identidade da juventude camponesa no movimento, de princípio, é fundamental afirmar o campesinato como sujeito da história, com







seu jeito de ser, viver, produzir, com sua própria cultura, estética, sem servidão aos padrões da indústria cultural.

A estética camponesa precisa ser entendida como parte do método de trabalho com o povo, buscando identificar e afirmar o sujeito do campo, as lutas, as pautas, as causas do movimento e da classe trabalhadora. O que esperamos como resultado desse processo no movimento é avançar na afirmação de nossa estética nas ações de agitação e propaganda que se materializa na mística, na comunicação, nos símbolos, no modo de agir diante da vida e da luta. Antes, porém, é necessário construir nosso conceito próprio de estética, assim é importante mais uma vez revisitar Augusto Boal, que foi um dos responsáveis pela transformação na estética que aconteceu na dramaturgia brasileira durante os anos 50, 60. Uma de suas últimas contribuições literárias foi a obra "Estética do Oprimido", desenvolvida com o objetivo de afirmar uma cultura política de formação do povo. A obra foi lançada em 2009, ano de seu falecimento.

Boal apresenta para classe trabalhadora um conceito mais preciso para estética. Ele a define não como a ciência do Belo, mas como uma ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade. Acreditava que o pensamento humano pode ser dividido em pensamento sensível e o pensamento simbólico. O primeiro tem a ver com nossas emoções e sentimentos e o segundo por nossa comunicação racional, simbolizado, que se efetiva pelas palavras. Essa compreensão nos ajuda a entender que o processo de formação das massas deve levar em consideração diversas ferramentas e dimensões da vida do povo.

A estética, a forma como as coisas se apresentam, na história e na atualidade, foi e continua sendo um elemento de preocupação para muitas pessoas e trabalhos. No teatro podemos citar o exemplo do grupo "Blusa Azul" na Rússia, por ter um papel determinante na história da agitação e propaganda. Mas também cabe a nós não deixar tão complexo esse assunto, observar as experiências





mais próximas, como a própria vida camponesa, a forma de luta camponesa, a caminhada do Centro Popular de Cultura, o Grupo de Teatro Raízes Nordestinas do MPA em Sergipe, a Caravana Nacional de Luta Camponesa "Clodomir de Morais", entre outras que buscam desenvolver a arte de agitação política com as massas.

Dos processos mais recentes das Brigadas, destacamos que na prática já existe uma tentativa de desenvolver uma estética própria para o trabalho de agitprop. Voltamos ao exemplo da Caravana Nacional de Luta Camponesa do MPA "Clodomir de Morais" em 2017 e 2018, que para realizar suas intervenções nos lugares onde passavam, utilizavam músicas, instrumentos musicais comuns, sementes e figurinos como: chapéu de palha, sandália de couro, camiseta e calça preta para assegurar neutralidade e destacar outros adereços de acordo com o conteúdo das montagens.

Essa forma de se colocar diante das massas, contribuiu para que o povo pudesse melhor assimilar a mensagem do grupo e para que os protagonistas daquela ação, se afirmassem. Sem dúvida, muito encantamento aconteceu em boa parte da população ao encontrar com os jovens que, na sua vestimenta, já afirmavam a identidade camponesa. Assim, esse processo tem vários resultados para dentro e para fora, objetivos e subjetivos. O exercício alterou, sobretudo, a consciência dos jovens envolvidos, que naturalmente passaram a utilizar o chapéu de palha como parte da estética individual e não apenas para a realização das suas intervenções. Os símbolos estéticos demarcam, portanto, espaço, posição e identificação. Nesse sentido, afirmamos que a juventude precisa a refletir, definir e assumir os elementos estéticos que devem compor a nossa agitação e propaganda camponesa nas brigadas do MPA.

Considerando os elementos aqui colocados e os acúmulos dos processos práticos mais recentes que construímos, visualizamos desafios e a necessidade de avançar com essa reflexão no conjunto do Movimento, sobretudo nas brigadas de juventude que necessitam afirmar com suas ações uma estética própria para sua arte política







que leve em consideração a identidade do campesinato, sua cultura, suas simbologias. Essa construção nos faz caminhar, portanto, para construção de uma identidade nacional das brigadas e do trabalho de agitprop no MPA, partindo da realidade camponesa, porém, com capacidade de dialogar com toda classe trabalhadora.

08 - Poesia, poema, luta e resistência

Onde está nossa poesia? Esta na luta, na organização, na formação, nas sementes crioulas, na alegria da ciranda das crianças, nos elementos e no vermelho da bandeira, nos passos rumo ao horizonte. A poesia esta no campo, na cachoeira, na horta cheia diversidade, esta nas mãos sujas de terra que produz o alimento. Nossa poesia está na juventude que luta com punho e cabeça erguidos, esta na mulher que levanta a voz para decidir, esta no verbo trabalhar. Nossa poesia é parte da nossa própria história sendo construída na resistência. Nossa poesia está na solidariedade, na sensibilidade exteriorizada na palavra e nas ações coletivas. Está na dor das desigualdades, das injustiças, na denúncia e na esperança das transformações. Nossa poesia política nasce da realidade, dos sonhos da nossa classe e se transforma em ferramenta poderosa, capaz de construir pontes e destruir os muros dos nossos opressores.

É importante lembrar que durante toda a história, o povo que luta utilizou a poesia como uma arma de sensibilização e resistência, enquanto pessoas desprovidas de um senso crítico a utilizam para falar das "coisas" sem preocupar-se com a interpretação crítica da realidade. O povo hebreu, por exemplo, durante o exílio babilônico, entoava os Salmos ao som da harpa e da lira para comunicar suas mensagens. Os repentistas no sertão nordestino, com a poesia do improviso, trazem na ponta da língua a memória e a cultura do povo sertanejo, e a utilizam para discutir temas do cotidiano. A literatura de cordel, que hoje é considerada patrimônio imaterial brasileiro,







muito praticada no Nordeste, foi utilizada em muitos momentos para contar histórias, mobilizar e comunicar mensagens importantes ao povo a partir das feiras livre. As Ligas Camponesas, por exemplo, fizeram esse exercício nos anos 60, para tratar da Reforma Agrária. A poesia está em vários lugares, sendo utilizada com diversas finalidades, inclusive na luta internacionalista da classe trabalhadora. Aqui falamos, portanto, da poesia de luta que não está apenas no meio do campesinato, está nas periferias dos centros urbanos, sendo usada como ferramenta de denúncia das injustiças cometidas com os jovens negros, e assim por diante.

A poesia nasce com a origem da humanidade, no entanto, teve seus primeiros registros na Grécia antiga. O poema é uma obra literária que pertence ao gênero da poesia, podendo apresentarse de várias formas como versos, estrofes ou prosa. A prosa poética tem o caráter de poesia por causa do seu efeito emocional provocado pela linguagem. A palavra poesia é derivada do verbo grego "poein" que significa "fazer, criar, compor". Ficaram gravados na história literária do Brasil, poetas muito conhecidos como Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Morais, Clarice Lispector, Thiago de Melo, porém há tantos outros que partiram e deixaram sua contribuição no anonimato. Nos movimentos sociais, historicamente, é comum nos depararmos com os poetas do povo que tem a realidade, a vida concreta, como objeto central da sua inspiração poética e assim dão contribuições valorosas e alimentam a mística da nossa caminhada de luta. No MPA, podemos lembrar, por exemplo, do companheiro Derli Casali, que mesmo depois de sua partida física, está presente no nosso cotidiano por meio dos poemas que escreveu.

No Nordeste do Brasil tivemos Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, nascido em 5 Março de 1909 e falecido em 8 de julho de 2002 aos 93 anos, cordelista, repentista e considerado o maior poeta popular brasileiro, o porta voz do sertão, foi uma das principais figuras da música nordestina do século XX. Poeta semianalfabeto que deu um impulso significativo







na história poética do Brasil inteiro, principalmente na politização, com letras muito críticas em seus poemas em relação à sociedade, fazendo com que o povo refletisse, por exemplo, o porquê das desigualdades sociais. A literatura de cordel que se desenvolve pela rima e se destaca no cenário da construção poética, segue sendo a forma mais comum de expressão, sobretudo no Nordeste.

Existe certa diferença entre poema e poesia: poema é um gênero textual que utiliza as palavras, imagens e sons como matériaprima, organizada em versos, estrofes e prosa, isto é, o poema
é a estrutura material da poesia. Já poesia é uma definição mais
abrangente que contempla diversas manifestações artísticas e formas
de expressões, é a beleza encontrada numa escrita, numa obra de
arte, numa música ou até mesmo numa planta. Ela é, na verdade,
tudo aquilo que se vê e se sente místico. Poesia é sinônimo de beleza,
que não está relacionada diretamente ao belo e sim ao sentimento.
Existem vários tipos de poemas, que nos passam gratidão, alegria,
tristeza, revolta, entre outros. Assim o poema sempre vai nos passar
algum tipo de sentimento.

No MPA, a poesia chega ao mesmo momento em que o movimento se inicia, nas primeiras mobilizações, reuniões, lá estava ela presente nos poemas, músicas, falas, ações, faixas, etc. A poesia é um elemento da essência do povo camponês, através dela expressam visão de mundo, identidade, ideias, sentimentos, história. O poema e a poesia que afirmamos é parte da vida, se colocam como ferramentas no trabalho de base, na marcha histórica da luta dos trabalhadores e contribuem essencialmente na sensibilização, na formação, no despertar de mentes e corações para agir contra o sistema capitalista que oprime e explora toda classe trabalhadora.

Historicamente o conjunto do Movimento estabelece uma preocupação com a dimensão cultural, subjetiva e mística da vida do nosso povo nas bases, assim busca valorizar toda produção poética e os sujeitos que a desenvolvem com compromisso de luta. Compreende que as novas gerações precisam ter acesso a







esse conhecimento, valorizar e se dispor (não de forma mecânica) a pratica-lo com clareza do seu sentido. Para tanto é necessário despertar as capacidades e a sensibilidade adormecida em todos os sujeitos do campo, sobretudo na juventude, que precisa cumprir seu papel no desenvolvimento da nossa própria arte.

Nessa perspectiva, entendemos que o nosso trabalho de base que alimenta a formação e organização do povo, precisa considerar essa dimensão cultural subjetiva da vida do povo, e ao mesmo tempo, estimular a socialização desse conhecimento entre as gerações que não podem seguir sem compreender seu sentido nos processos de luta. Olhando para as experiências mais recentes no MPA, é importante destacar, que durante o processo de construção do 1º Congresso Nacional do MPA, realizado em 2015, nos desafiamos a construir coletivamente o Hino do MPA, identificar no movimento os cantadores, poetas e suas produções, realizar oficinas de cordel com jovens nas brigadas, sistematizar um cancioneiro com uma coletânea de poemas e músicas que retratam a luta camponesa. Percebemos que os militantes e os camponeses do MPA possuem muitas produções guardadas nos cadernos e nas memórias, porém, sem um processo de socialização coletiva. Percebemos também a pouca expressão da juventude na produção poética, que em décadas anteriores, eram bastante expressivas, e nos perguntamos: por que estamos assim?

A preocupação com as constatações do processo que desenvolvemos, alimentou a ideia de desenvolver em Sergipe uma oficina de composição de poemas e músicas envolvendo jovens de estados do Nordeste. Esse processo desafiou posteriormente os jovens do Teatro Raízes e da Escola Popular de Música a produzir músicas e poemas para gravar o CD "Canção Camponesa do São Francisco" e posteriormente o CD "Canção Camponesa do Semiárido". Outra experiência que rendeu bons frutos na produção de poemas, músicas, palavras de ordem, teatros, foi a da Caravana Nacional de Luta Camponesa "Clodomir de Morais" e da Caravana Estadual de





Sergipe "Maria Izabel" realizadas entre 2017 e 2018, assegurando, inclusive, a produção de livretos de literatura de Cordel com diversos poemas temáticos.

A juventude do MPA, organizada nas brigadas, olhando para sua realidade e para o horizonte da construção do socialismo, sem dúvida, tem importantes tarefas pela frente, entre elas, a de contribuir no resgate do espírito poético e místico que alimenta a utopia e move a classe trabalhadora na luta. É verdade que essa é uma tarefa desafiadora, visto nos últimos períodos com o avanço das ideias capitalistas no mundo, o processo de humanização ficou mais complexo, muitos elementos da essência da caminhada do nosso povo foram deixados de lado. Isto aumenta nossa fragilidade no processo de resistência. Resgatar a identidade, a mística, os símbolos, os saberes, as experiências, a criatividade amortecida, a capacidade de iniciativa, é, sem dúvida, uma tarefa importante e indispensável na construção da luta revolucionaria.

Agora fica uma pergunta para seguir aprofundando essa reflexão: diante deste contexto, das afirmações e experiências aqui citadas, o que devemos fazer para fortalecer o trabalho de base e consequentemente, a nossa luta? Quem são os poetas e as poetisas, os/as cantadores/as que resistem com seus conhecimentos e que poderiam compartilhar com as gerações?

Poesia é sentimento / Que brota da reflexão / Fazendo uma ligação / Direta em conhecimento / Ela exige pouco talento / Mas imaginação concreta / Expõe história completa / De uma forma realista / Quero ver um cientista / Clonar a mente do poeta.

O poeta é ser natural / A poesia é natureza / Os dois com sua beleza / Descreve todo real / Mas também o irreal / Pois faz a gente pensar / Estimular a caminhar / É o papel da poesia / Os poetas com magia / Consciência a despertar.

Sejamos inspiração / Transformação declarada / A revolução desejada / Não se faz sem sentimento / Exige desprendimento / Ela é uma causa nobre / Do povo oprimido pobre / Que precisa se levantar / Com muita mística marchar.







09 - A Música na Agitação e Propaganda Camponesa

A música, assim como todas as manifestações da arte, pode ser utilizada no cotidiano como ferramenta de luta política, pois se colocam como veículo de comunicação. Com seus conteúdos e formas propagam valores e ideias nas massas e assim podem se colocar a favor ou contra um projeto estratégico de sociedade. Temos visto que, sobretudo nos últimos períodos, a consciência das massas tem se moldado pelos conteúdos desenvolvidos pelo atual sistema hegemônico de sociedade, que é capitalista. Este gera as crises: política, econômica, social, ambiental, cultural e comanda a indústria cultural e os grandes meios de comunicação.

A indústria cultural funciona como uma fábrica, desde a chamada revolução industrial no século XVIII na Europa, tem se fortalecido a partir dos anos de 1990 como surgimento da internet. Ela cumpre um papel importante, na alienação necessária ao desenvolvimento do sistema capitalista e oferece, por exemplo, os produtos musicais que não exigem muito do "consumidor", do cidadão que a escuta. É de rápido consumo, com estruturas e ritmos muito parecidos, feitos para agradar o máximo de pessoas possível e sempre com distribuição em larga escala para chegar a todos os cantos, de forma rápida. A música lançada hoje, no dia seguinte estará tocando nos centros urbanos e nas comunidades camponesas.

Estes produtos musicais que servem apenas para gerar mais capital, conseguem transmitir mensagens, fazendo com que as massas se identifiquem com ela, mesmo quando, de forma sutil, o agride com as palavras expressadas. Sem dúvida, são inúmeras as músicas que conhecemos com conteúdos totalmente agressivos aos negros, mulheres, crianças, LGBT, camponeses. E o pior, sem reflexão, as utilizamos e reproduzimos. No geral predomina a música como







um produto comestível ultra processado que pode até matar a fome, mas não faz a nutrição necessária à saúde, pode até "animar", mas não cumpre seu papel na subjetividade da nossa vida como deveria, pelo contrário aliena, desumaniza e naturaliza ideias contrárias a da nossa classe. Apesar dessa predominância, é importante destacar a significativa parcela de artistas, cantores, cantadores, poetas brasileiros e internacionalistas que historicamente se contrapõem a essa ideia e se dedicam a uma produção que caminha na contramão desse sistema.

"Basta de músicas que não nos dizem nada, que nos divertem por um momento, mas nos deixam vazios. Comecemos a criar um novo tipo de música. Uma música que nasce da nossa necessidade." Essa frase é do cantor chileno Victor Jara, assassinado em 1973 pela ditadura de Pinochet. Jara nos ensina que é necessário incentivar, provocar, criar, compor e fazer nossas próprias músicas. Músicas que levem em consideração nossa realidade, as reais necessidades da classe trabalhadora, que falem sobre nossa história, sobre nosso território, enfim, sobre nossa própria vida. Compreendemos assim que, no cotidiano da classe trabalhadora deveria estar um repertório de músicas folclóricas, camponesas, operárias, indígenas, populares - músicas de amor e de revolução, alimentando ideias de transformação no rádio, na TV, nos espaços que frequentamos.

Junto ao movimento político-cultural "Nova Canção Chilena", as músicas de Victor Jara funcionavam como denúncia social da ordem imperante, na crítica ao capitalismo e ao 'imperialismo' norteamericano". E iam além, eles compreendiam que era necessário, por meio da música, promover a "memória de personagens ou episódios identificados com a história das lutas sociais latino-americanas na demonstração de solidariedade pelas causas revolucionárias mundiais do período". Dizia que uma canção de Victor Jara era mais perigosa que 100 metralhadoras. Para o cantor chileno, a música precisava ser mobilizadora a ponto de produzir um novo estado de consciência crítica e política de quem a ouve.







Diante do exemplo revolucionário de Victor Jara e da história de resistência das músicas populares, devemos nos questionar sobre a forma como entendemos a música. Será que não estamos consumindo demais as músicas da Indústria Cultural patrocinadas pelos nossos inimigos, o agronegócio? Quem irá produzir as músicas que nossa classe precisa acessar? Quais são as músicas, os ritmos, que o campesinato identifica como parte da sua cultura e que precisamos afirmar? Será que as músicas que escutamos atualmente conseguem contribuir para elevar nosso nível de consciência crítica? Será que hoje a música não poderia ser uma ferramenta de mobilização do povo para a causa que lhe interessa? De que maneira podemos elevar a consciência do povo por meio das músicas? Como devemos fazer para que a música seja realmente utilizada como instrumento de luta política nos movimentos sociais e no MPA?

Sem dúvida, é quase impossível medir o poder da música na vida objetiva e subjetiva de um cidadão que possui reflexão crítica ou não. As artes, em especial a música, possui uma gigante capacidade de mexer com o psicológico, com os sentimentos e compreensões que estão de posse de cada pessoa, por isso ela pode contribuir de forma efetiva no avanço ou na regressão das consciências. Assim afirmamos que ela é ferramenta de trabalho que deve ser considerada e canalizada na construção de um projeto de sociedade.

Hoje, no Brasil, vivemos uma derrota estratégica assegurada, sobretudo, pelo elemento da ideologia. Constatamos, pelo nível de consciência social da população, expresso nas urnas das eleições 2018, que significativa parcela da classe trabalhadora passou a se identificar com o projeto e as ideias dos inimigos. Diante desse cenário temos a tarefa de aprofundar a reflexão sobre nossas táticas de trabalho, sobre a agitação e propaganda, o trabalho de base e de massa que devemos desenvolver com o povo.

Ao observarmos as experiências históricas e os acúmulos da nossa classe, não teremos dificuldade de compreender o papel da música como uma ferramenta indispensável à agregação,



sensibilização, afirmação das identidades e mística da caminhada. Podemos observar seus efeitos nas crianças, reuniões, mobilizações, noites culturais, festivais - ela se coloca, portanto, como uma força capaz de agir profundamente na dimensão afetiva, formativa, educativa, cultural e mística da luta da classe trabalhadora. Precisamos ir além, aprofundar essa reflexão com o máximo de militantes e jovens possível.

Considerando esse contexto, nos processos de formação das brigadas de juventude no MPA, que tem entre suas tarefas as ações de agitação e propaganda, olhando para dimensão da música política, temos afirmado que precisamos ser criadores e não meros reprodutores; nos desafiar a produzir com o máximo de criatividade músicas temáticas que dialoguem com o povo no trabalho de base e de massa; resgatar os ritmos e instrumentos que identificam o povo camponês, como a viola e a sanfona; identificar, valorizar e envolver nossos poetas e cantadores nos processos de oficinas com as novas gerações para que acessem esse conhecimento e o multipliquem; organizar batucadas com uma estética camponesa e ritmos afros, indígenas e outros que expressem as raízes do povo Brasileiro; resgatar manifestações folclóricas culturais como a quadrilha, coco de roda, reisado e outras existentes nas realidades regionais do país; promover festivais de música ou noites culturais públicas; assegurar sistematização, memória e socialização das produções entre os estados; produzir CDs e cancioneiros com as produções coletivas resultantes dos processos; organizar grupos musicais; criar "escolas" ou cursos de música nas comunidades e nas cidades que estiverem ao nosso alcance para envolver a juventude. Neste sentido, podemos destacar a experiência da Escola Popular "Recanto Musical do Sertão" no MPA em Sergipe.

Como temos afirmado, muitos são os desafios que estão postos para a juventude do campo e da cidade. Desenvolver a arte, a música, o teatro político, a favor da nossa causa e do nosso projeto de sociedade, é mais uma bonita tarefa. Porém, é importante destacar que o ato de criar é um desafio colocado para todos os militantes



engajados na luta revolucionária. Façamos arte, façamos música. A música toca a mente e o coração, por ela podemos semear o futuro que no presente já queremos construir. Produzir e tornar a arte, a música, acessível aos trabalhadores é uma tarefa tão importante quanto lutar por todas as nossas pautas e preparar todas as nossas outras tarefas. Não esqueçamos: a mescla de letras, melodias, harmonias e ritmos marcam as pessoas, despertam emoções, constroem histórias, lembranças, saudades. E estes são sentimentos que trazem as pessoas à luta e à marcha rumo ao horizonte, provoca o movimento de dentro para fora, com intensa leveza e assim nos auxilia a conquistar mentes, corações e a transformar as desigualdades e injustiças deste mundo.

"Não canto por cantar, nem por ter boa voz, canto porque o violão tem sentido e razão". Victor Jara

10 - Teatro Camponês Popular

Em um palco improvisado no pátio de dona Tereza se arma uma cena muito comum no campo brasileiro: atores representando camponeses reclamam sobre o preço abusivo que um atravessador teima em oferecer por alguns quilos de mandioca. No fim da peça teatral o público descobre, junto das personagens, que aqueles trabalhadores terão possibilidade de pagamento justo de seu trabalho ao se organizarem politicamente e enfrentarem uma marcha até a prefeitura para reivindicar apoio na construção de uma agroindústria para a comunidade beneficiar a mandioca.

Neste tipo de teatro os aplausos reservados para o encerramento não são importantes. O que faz este tipo de teatro existir é o fato de que a peça continue depois do "seu fim", como um elemento para debates, discussões e ações concretas na vida das







pessoas que estavam em cena como atores, atrizes ou como público. Entende que as barreiras entre os atores e o cidadão assiste, não existem.

Por utilizar de ferramentas muito poderosas, como expressões faciais, corporais e sonoras, e até mesmo gerar interações, o teatro é capaz de explicar assuntos muito complexos e disseminar informações e juízos de valores que não são encontrados na mídia hegemônica. Assim, cabe à juventude do MPA provocar e criar um teatro camponês que sirva como uma ferramenta contra hegemônica. Hegemonia e contra hegemonia foram termos sistematizados por Antônio Gramsci, filósofo marxista. A ideia de hegemonia chega aos nossos dias com o sentido de dominação cultural-ideológica por consentimento. Contra hegemonia é todo o movimento que luta contra esta dominação, que no campo brasileiro, está personificada no agronegócio, procura atuar de maneira progressiva para que não só a classe camponesa, mas toda a classe trabalhadora, se liberte.

Na construção do teatro camponês do MPA foi preciso alicerçar nossas práticas em experiências anteriores às nossas. Experiências onde a emancipação do povo trabalhador funciona como finalidade, como por exemplo, a Revolução Russa, as contribuições alemãs e também o histórico do teatro popular no Brasil. A experiência russa designou várias formas de agitação para as massas, ao mesmo tempo em que divulgava os projetos políticos da Revolução. Entre as diversas formas de organizar as massas utilizando a ferramenta do teatro, grandes contribuições do diretor russo Meyerhold e dos diretores alemães Erwin Piscator e Bertold Brecht. Meyerhold teve forte contribuição na área da biomecânica. Ele sistematizou técnicas para transformar o corpo humano no meio principal de expressão cênica, assim os (as) próprios (as) trabalhadores (as) poderiam, e podem, transformar-se em atores ou atrizes, desde que aprendam a utilizar o corpo para este trabalho.

Os alemães Piscator e Brecht foram importantes para consolidação do teatro épico. Para Brecht o intuito deste formato









de teatro é fazer um enredo que desperte no espectador um posicionamento crítico e o faça refletir a peça encenada a partir de sua realidade concreta. A ideia para Brecht é levar o público "estranhar tudo que é visto como natural", como a divisão social e sexual do trabalho, por exemplo. O teatro épico funciona, ao mesmo tempo, como ciência e como arte, uma vez que é, antes de tudo um método de trabalho com e para as massas.

No Brasil temos uma importante contribuição de Augusto Boal. Ele sistematiza o Teatro do Oprimido, envolvendo várias formas de teatro como o teatro imagem, teatro jornal, teatro legislativo, teatro invisível e teatro fórum. Colocando a relação opressoroprimido como central na construção das peças de teatro. Também surge o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, o CPC da UNE, um grupo que propõe uma discussão sobre o conceito de cultura popular e nacional, no contexto histórico anterior ao golpe civil militar de 1964. O CPC realizou uma dramaturgia responsável, as tramas 'A mais-valia vai acabar, seu Edgar' e 'Brasil, versão brasileira' traziam uma identificação com a classe trabalhadora e também instruía politicamente. As questões do cotidiano do trabalhador rural eram retratadas nas peças "Os Azeredos mais os Benevides" e "Quatro Quadras de Terra".

Todas estas experiências serviram para que o teatro fosse visto também como um método de educação popular. A partir dos elementos trazidos por Meyerhold, Piscator, Brecht e Boal, o Centro do Teatro do Oprimido, no Rio de Janeiro, realizou um processo de formação de teatro para militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o MST. Nesta formação, que durou cerca de 2 anos, duas militantes do MPA também participaram. No MST deu origem, a partir deste encontro, a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa de Assaré. Do mesmo modo, o MPA passa a utilizar como uma ferramenta que está formando cidadãos, lutadores do povo, elevando o nível de consciência das pessoas para atuar na arte, assim como assumir uma causa e fazer com que a arte seja uma ferramenta pedagógica, de luta e organização do povo. Assim, da participação







deste curso, surgiu, no estado de Rondônia, o grupo de cultura "Arte Camponesa".

Um exemplo concreto que temos hoje no MPA, de teatro camponês e popular, é a experiência desenvolvida pelo grupo de teatro "Raízes Nordestinas". Criado por jovens das comunidades camponesas de Queimadas e Maranduba no município de Poço Redondo, Sergipe, o grupo desenvolveu sua própria forma de dialogar e mostrar ao povo uma arte que está diretamente ligada à realidade do povo camponês, além de fazer formação e criar vários núcleos de teatro em outras comunidades. O grupo encontrou o MPA em 2012, quando passa a incorporar a mensagem política do Movimento. O grupo desenvolveu técnicas de Agitprop e adaptou alguns espetáculos em teatro épico como o da obra "A Mãe" de Bertold Brecht e "A Megera Domada" de William Shakespeare e outras peças curtas com temáticas para dialogar as questões da educação, gênero e meio ambiente, produção camponesa e não uso de agrotóxicos.

O teatro tornou-se uma ferramenta de trabalho de base e para o fortalecimento da aliança operária e camponesa, como o trabalho desenvolvido pela Brigada de Juventude no I Congresso Nacional do MPA, realizado em São Bernardo do Campo, em 2015. A brigada desenvolveu formas de dialogar com a cidade sobre a importância da alimentação saudável. Além desta, tivemos, em 2016, a brigada eleitoral em São Paulo, que chamamos de brigada Augusto Boal, em homenagem ao dramaturgo, onde aprofundamos nossos estudos sobre a agitação e propaganda, principalmente o teatro, com uma grande contribuição do companheiro Antônio Terra e da companheira Pâmela Peregrino, que assessoraram durante o processo da brigada, formação sobre a teoria e prática do Teatro do Oprimido.

Foi a partir desta experiência que a juventude, que participou da brigada, assumiu a tarefa de multiplicar o aprendizado das oficinas em seus respectivos estados. A multiplicação teve o acompanhamento da companheira Pâmela Peregrino, nos estados







de Sergipe, Piauí e Espírito Santo, realizando oficinas de teatro para jovens e adolescentes da base do MPA nestes estados. Com a multiplicação do teatro pelos estados, um grande desafio surgiu para a juventude do MPA, com a realização da Caravana Nacional de Luta Camponesa Clodomir de Morais. O grupo, formado por 13 jovens brigadistas de diversos estados que se dispuseram a vivenciar a brigada itinerante, de formação e trabalho com o povo na perspectiva da agitação e propaganda com foco na linguagem do teatro militante.

O trabalho desenvolvido pela juventude nos diversos processos proporcionou ao movimento um novo olhar sobre as diversas formas de fazer o trabalho de base com o povo, formas em que o povo se torna protagonista de sua própria história, vendo que o teatro é uma arma para os oprimidos lutarem contra a opressão, pela libertação, se apropriando desta ferramenta para transformar suas realidades. O teatro pode ajudar no nascimento de uma verdadeira humanidade que só vai existir quando houver verdadeira solidariedade. Enquanto a revolução não acontece, é tarefa nossa ir ensaiando o que será um espetáculo lindo.

Que a nossa arte, que nosso teatro, que nossos sonhos jovens sejam a arte, o teatro e os sonhos jovens do povo. Coloquemos o pé na estrada e com criatividade nos desafiemos a cumprir nossa tarefa de arte-educadores do povo.







Bloco III Temas para estudo e debates

11 – A Juventude Camponesa na Construção do Plano Camponês

Historicamente os jovens do campo sempre participaram das lutas junto com seus familiares e comunidades, pelo acesso à terra, crédito, escola, moradia, direitos sociais e outras demandas que carecem à construção da vida no território camponês. Inumeradas são as lutas realizadas. Essas muitas vezes se deram de formas espontâneas e isoladas, sem aprofundamento de uma estratégia que possibilitasse a dimensão estruturante, que viesse atender as reinvindicações camponesas bem como questionar o modelo de produção e exploração existente no campo, seja nos aspectos econômicos, políticos, sociais, das relações de gênero e geração.

Esse contexto de lutas é fruto do sistema capitalista, que se alimenta do processo de negação histórica. As forças detentoras de poder sempre olharam o campo como um lugar de exploração por toda riqueza que possui: água, terras, mineiros, biodiversidade, bem como pessoas para "fornecer" a mão de obra barata através de diárias ou assalariadas para servir ao fazendeiro ou latifundiário. As políticas de governos ou de estado pouco se preocuparam com a estruturação do campo para proporcionar vida digna para as famílias, possibilitando acesso à terra, produção de alimentos, geração de renda, inclusive, pensando na inclusão da juventude camponesa que representa a continuidade da vida no campo.

Buscando aprofundar a leitura dessa realidade, os processos de debates desenvolvidos no MPA – Movimento dos Pequenos







Agricultores - ao longo de vários anos, ajudaram a concluir que o modelo de desenvolvimento em curso no campo brasileiro é totalmente inviável. Essa constatação inaugurou no movimento uma nova fase de estudos unindo militantes camponeses e professores intelectuais vinculados a movimentos sociais e universidade objetivando uma leitura mais completa sobre o campesinato no Brasil. Esse processo aprofundou as reflexões e a constatação de que nunca foi pensando um projeto de campo para o Brasil que promovesse um desenvolvimento sem esvaziamento do campo, assegurando autonomia das comunidades camponesas e formas de organização comunitária, seja política, cooperativas, associações e outros espaços de resistência.

Para questionar e contrapor esse modelo baseado na grande produção e na grande propriedade, os acúmulos do movimento possibilitou o nascimento do Plano Camponês, como uma proposta dos sujeitos do campo para o campo, sistematizando uma proposta necessária para o povo viver bem no campo. Esta é uma contribuição política estruturante do campesinato para construção de um novo projeto de sociedade.

O Plano Camponês não é uma proposta para um governo, é uma proposta para construção de um projeto estratégico no campo e projeta aquilo que queremos e necessitamos ter: distribuição de terra, escolas, espaços de lazer, esporte, cultura, educação camponesa socializando com as gerações valores de solidariedade, afirmação da cultura do campo e novas relações de gênero e de geração, fortalecimento das organizações comunitárias e das políticas de produção agroecológica com assistência técnica, agro industrialização, comercialização do que produzimos e a relação com os trabalhadores urbanos.

Neste sentido, o Plano Camponês é uma proposta ousada e sua materialização faz sentido se romper com as estruturas de poder e de políticas que colocaram o campo como o lugar do atraso, do caipira desdentado, da calça rasgada, do "jeca tatu". O plano







nos coloca como protagonistas propositores de uma proposta que articula a dimensão produtiva, política, econômica, social. Queremos que os governos não enfiem as coisas goela abaixo, reconheçam e efetivem as nossas proposições coerentes com a realidade e sonhos de transformação. Sabemos o que queremos, o que é melhor para nós e nossa classe.

O campo que desenhamos no Plano Camponês inclui todas as gerações, requer educação do pré escolar ao ensino universitário, coloca a aprendizagem, a pesquisa e a ciência a serviço de um desenvolvimento comprometido com as necessidades do povo, se contrapõe aos interesses das empresas que se apropriam da natureza e da força do trabalho camponês, se compromete com a soberania nacional em suas dimensões alimentar, energética, genética, do saber, hídrica, territorial e afirma a agroecologia como nosso modelo de produção, defende as sementes crioulas como a base da soberania alimentar, busca construir a autonomia camponesa para termos condições de decidir o que plantamos e comemos, saindo assim da dependência das empresas transnacionais.

É importante destacar que a construção do Plano Camponês se dará pela luta cotidiana, ele nos coloca em momentos de conquistas, enfrentamentos, avanços e retrocessos. O Plano, em sua amplitude, não cabe no vigente modelo de sociedade capitalista que desenvolve processos econômicos baseados na exploração dos seres humanos e da natureza. O Plano é a ferramenta que nos permitem olhar para nosso povo sem tirar o pé do chão e enxergar o horizonte de esperança e transformação, porém necessita do permanente exercício de organização, formação política e luta para se materializar em um processo a curto, médio e longo prazo, com profunda participação dos/as camponeses/as, em especial, das crianças e jovens. Precisamos compreender o Plano e construí-lo no dia-dia, nas ações que vamos fazendo de forma organizada para viver melhor no campo.







COMO A JUVENTUDE PODE CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DO PLANO CAMPONÊS?

Considerando a afirmação que fizemos inicialmente no texto: "historicamente os jovens do campo participam das lutas com suas famílias e comunidades" por diversas questões, podemos afirmar que naturalmente a juventude, mesmo sem ter consciência plena do seu papel na luta e nas questões que a envolvem no campo, ela contribui com a construção do Plano Camponês. Acontece que esse envolvimento ao longo da história, possibilitou resultados extremamente significativos, gerou consciência crítica, disposição para as lutas seguintes, militantes e quadros para os movimentos sociais, identificação com o território, inserção das pautas da juventude nas lutas gerais, dinamização dos processos organizativos nas comunidades. Esse processo assimilado na prática, significa acúmulo de força objetiva e subjetiva para o Plano Camponês.

Desse processo extraímos muitas lições importantes, entre elas, a de que é preciso continuar mobilizando e inserindo todos os sujeitos do campo na luta, em especial, a juventude. A construção do Plano Camponês é uma tarefa de todos que fazem parte do MPA, dos que acreditam no campesinato e num projeto de transformação no campo e da cidade. Porém, para esse caminho ganhar a dimensão que necessita a militância do MPA, precisa cumprir sua tarefa decisiva na organização da massa, na preparação de quadros dirigentes, no estudo como prática permanente, na organização das estruturas econômicas que possibilitam as ações produtivas, no desenvolver de atividades de auto sustentação, entre outras, que possibilitem manter o movimento ativo nos eixos do plano, na luta de classes e na construção da aliança camponesa e operária por soberania alimentar.

Nosso camarada Che, em um de seus discursos, convocou os jovens para serem os primeiros no estudo, no trabalho e na defesa do País. O MPA convoca a juventude a defender nosso projeto de vida no campo e a soberania nacional. Para tanto, precisaremos atuar nas diferentes tarefas do movimento: realizar trabalho de base, coordenar







brigadas de juventude, coletivos, estruturas, ações de comunicação, trabalho produtivo e trabalho permanente com as crianças, se colocando como uma referência para o campesinato mirim no sentido de pertença ao movimento e no gosto de ser camponês/a.

Nesse exercício pedagógico é preciso compreender que todas as tarefas são importantes na construção da estratégia. O plano não se constrói só na luta de rua e na roça, é preciso que a juventude utilize de sua criatividade para expressar o Plano Camponês em todos os cantos: no esporte, na escola, nas relações cotidianas, na luta por seus interesses. Nesta caminhada a juventude passa a compreender que militante é mais que um cumpridor de tarefas, militância é uma opção de vida por uma causa, que podemos defender onde estamos, na escola estudando, no campo de futebol, nas festas, na igreja.

Construiremos o Plano Camponês em uma longa caminhada que deve ser prazerosa. No caminho vamos recuperando as experiências históricas de luta, as sementes, a cultura, a identidade, construindo novos valores. As belezas do campo que queremos, no Plano Camponês, são fruto da história dos que sonharam e não puderam sistematizar seus sonhos, dos que lutaram e não usufruíram das conquistas de suas lutas, dos que tombaram pela causa confiando que outras gerações iriam dar continuidade à batalha. Assim, seguir lutando com esperança e a clareza do nosso papel na história é a tarefa nº 1 de todo jovem camponês militante. A utopia nos faz caminhar, a ousadia nos dá capacidade coletiva de criar jeitos diferentes de viver e produzir novos valores e relações com os seres humanos e a natureza, inspirando as novas gerações para seguir em luta.

Agora, cabe à juventude camponesa aprofundar esta reflexão, buscar compreender pelo estudo e pela ação cotidiana suas tantas tarefas nesta construção, sem perder de vista que o Plano Camponês é apenas uma fatia do grande projeto popular que precisamos construir no país. Porém, é uma fatia significativa, que exige dedicação, serenidade para não perder o sabor, a cor, o protagonismo que é coletivo do MPA que segue na árdua batalha





das ideias, no confronto ao projeto do capital imperialista que nesse momento da história nos desafia ainda mais a seguirmos com a certeza da construção do socialismo.

12 – Juventude Feminina Camponesa

PRESENÇA QUE RENOVA A VIDA E A LUTA

"Mulher nunca fuja dessa luta, / Pois a nossa causa é justa / Para o machismo superar / Sem construir o feminismo, / Não teremos socialismo / Para iqualdade alcançar".

PERCEBENDO A REALIDADE

Como já sabemos o novo momento histórico para onde entra o Brasil, traz para realidade da classe trabalhadora desafios diversos. O avanço do capital implica na redução dos direitos sociais, aumento dos índices de violência, agravamento dos problemas sociais nas condições reais de vida do povo. Elevam-se os desafios da juventude camponesa, operária e desempregada, sobretudo para as mulheres jovens que ficam ainda mais vulneráveis às atitudes machistas, preconceituosas, racistas, violentas — fatos que dificultam o acesso ao emprego, retomam e reforçam as formas de opressão que historicamente lutamos para combater no campo e na cidade.

O capital seduz e avança sobre os jovens com suas propostas e ideias alienadas de inserção precarizada no trabalho, na lógica de mercado e nas formas de expulsão do campo. Expropria sua identidade enquanto classe social e sua cultura enquanto elemento de resistência, especialmente no campo. Sabemos que um governo autoritário alinha o Estado aos interesses do capital, do seu bloco de poder que possui mãos perversas: negam direitos, provocam os fatores de violência e autorizam o extermínio e assim coloca em







cheque o real papel da juventude na sociedade. Hoje são mais de 30 mil jovens assassinados por ano no Brasil. Os jovens de 15 a 29 anos são as principais vítimas de homicídio.

No Brasil, pelo censo demográfico de 2010, estima-se uma média de 8,5 milhões de jovens vivendo no campo com expressiva participação no trabalho da agricultura camponesa. Deste número, parte significativa são mulheres jovens, que, como suas genitoras, são responsáveis pela produção dos alimentos para o autoconsumo, pelo desenvolvimento das práticas nos sistemas agroecológicos, manejo ambiental, cuidado com as sementes. No cotidiano garantem qualidade de vida da família e significativa contribuição na construção das soberanias e das relações comunitárias.

Verificamos que, demograficamente, houve forte diminuição do porcentual de jovens no campo nas últimas décadas, mesmo com a atuação de um governo progressista que possibilitou alguns programas e políticas publicas para o campo. O campo segue com a tendência de envelhecimento. Em algumas regiões do país, como a região sul, os movimentos já refletem essa preocupação e buscam aprofundar as reflexões sobre a nova geração camponesa e o futuro do campesinato.

É verdade que no conjunto da sociedade avançamos muito nas compreensões sobre o campo, o que é fruto dos acúmulos das lutas e da capacidade do campesinato produzir alimento e promover saúde. Porém, boa parte da juventude, ainda concebe o campo como lugar do atraso, pois está desencantada com a realidade nas comunidades, carentes de estruturas sociais, culturais, produtivas, acesso à renda familiar, do diálogo sobre afetividade e sexualidade. Todos estes fatores estimulam a ilusão de uma melhoria de vida nos centros urbanos, sobretudo para as mulheres jovens que historicamente carregam as marcas do patriarcado, do machismo, que se manifestam nas relações desiguais de gênero, naturalizadas.

As relações desiguais de gênero, associada à migração ou êxodo rural, têm despertado nos movimentos sociais sérias







preocupações com as mulheres e os jovens. Compreendem que o presente e o futuro do campo, assim como os rumos da sociedade, objetivamente se ligam ao da juventude. São os jovens que precisam dar sequência à produção de alimentos no campo; superar e construir novas relações de gênero e na produção, bem como fortalecer os processos de organização e resistência nos territórios. Por esse caminho a juventude camponesa se afirma com um papel importante nos processos de transformação.

JUVENTUDE FEMININA CAMPONESA NO MPA

A participação das mulheres e da juventude no MPA acontece desde o nascimento do movimento em 1996 no Rio Grande do Sul, visto que foram as necessidades das famílias que geraram a luta e o próprio movimento. Hoje nossa estrutura organizativa comporta o trabalho com as mulheres a partir do coletivo de gênero e o trabalho com a juventude a partir do coletivo de juventude e da construção das brigadas. Estes espaços possibilitam um processo permanente e formação, organização e o protagonismo nas ações do movimento. É importante destacar a diversidade de identidades étnica racial dos sujeitos camponeses que se encontram nos rostos jovens e femininos do MPA.

É fato que nossa luta acontece em meio às contradições da sociedade capitalista e patriarcal. Identifica-las e trata-las nos processos é uma condição para avançarmos. Entre tantas contradições está a desigualdades de gênero, por ela se assegura a reprodução do sistema patriarcal que nos oprime. Quando falamos de patriarcado nos referimos ao sistema onde os homens se "sentem autorizados" a exercerem o poder de opressão sobre as mulheres. Por meios violentos ou pacíficos se apropriam da sua força produtiva ou reprodutiva. O patriarcado se alimenta, sobretudo da divisão sexual do trabalho e da violência.

Predomina na sociedade a diferenciação de papéis e tarefas entre homens e mulheres. Aos homens é destinada a tarefa da



produção, do sustento da família, da esfera pública; às mulheres são destinadas as tarefas do trabalho reprodutivo, domésticos, cuidado com os filhos, da produção "pequena", ou seja, as tarefas invisibilizadas. Nas cidades as mulheres recebem menos nos empregos. Nas famílias camponesas ela trabalha o dia todo, mas é tratada como aquela a que ajuda o marido. Devemos nos perguntar: por que as coisas se constroem assim e a quem interessa manter o funcionamento do sistema dessa forma?

Se compreendermos bem esse sistema e a luta histórica das mulheres contra ele, teremos facilidade de compreender por que todos os dias no nosso país os dados da violência contra as mulheres crescem. O fato é que chegamos a um momento da história onde os homens que tem suas ideias alimentadas pelo sistema capitalista não se permitem fazer uma releitura sobre as mulheres, e as mulheres imbuídas do desejo de libertação, já não permitem mais viver as opressões que lhes tira as possibilidades de viver com liberdade e dignidade, seja no campo ou na cidade.

Questionar a realidade e se dispor a construção do novo homem e da nova mulher é uma necessidade. As imposições sexistas e machistas em boa parte da população feminina não é mais aceitável. Esses novos paradigmas e desafios estão postos no campo e na cidade. Todavia, o fruto do processo de mudança que vem sendo gestada pela força da organização nos últimos anos, vem possibilitando às jovens mulheres conhecimento histórico da luta e do protagonismo de mulheres que nos antecederam, envolvimento nas lutas atuais que resultam na formação de uma nova consciência. Esse processo tem possibilitado a visualização de avanços na realidade das nossas bases.

Para aprofundar um pouco mais sobre a realidade da juventude camponesa da base do MPA, destacamos que em março de 2014 concluímos um breve diagnóstico que teve como base questões relevantes para assegurar de forma mais qualificada o trabalho com a juventude do movimento. A base do diagnóstico foi um formulário,





respondido por cerca de 700 jovens, de várias regiões do país. Destes, 52% eram do sexo masculino e 48% do sexo feminino, 40% com idade entre 16 e 20 anos. Entre o apanhando geral das informações, sistematizamos aqui elementos de duas questões relevantes para o contexto dessa discussão:

A - Porque a juventude vai pra cidade?



Como podemos verificar no gráfico acima, a juventude migra para a cidade por diversas razões, sobretudo, estruturais. Em números: 27% dos entrevistados apresentam a falta de espaços para esporte, cultura e lazer; 23% colocam que todas as alternativas como a falta de renda, falta de cultura, falta de oportunidades; 16% apontam a falta de renda e 14% a falta de participação nas tomadas de decisões junto as famílias. Somando, são apontadas três significativas respostas.

As constatações nos levam a refletir sobre: como resolvêlas? Nos últimos períodos, os debates do movimento nos permite compreender que a juventude, para ter renda no campo, necessita de terra e estruturação econômica produtiva; para ter acesso ao esporte, cultura e lazer necessita da reestruturação das comunidades camponesas; e a participação nas tomadas de decisões da família, demanda a superação do sistema patriarcal que é base das relações

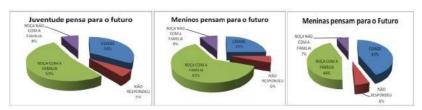






nas famílias camponesas, sobretudo. É importante destacar que, embora não apareça nas respostas, a questão da falta de terra como um fator de desencantamento no campo, nos debates conjunturais do MPA com a juventude na faixa etária entre 16 à 30 anos, este fator se apresenta de forma bastante considerável.

B – O que a juventude pensa para o futuro?



Vejamos que 61% da juventude entrevistada pretendem permanecer no campo. Ao analisarmos este dado por sexo, percebemos que 69% dos meninos e apenas 51% das meninas pretendem ficar no campo; 25% dos meninos e 43% das meninas pretendem ir para a cidade. O que leva este grande percentual de meninas quererem migrar para as cidades? É uma questão a ser aprofundada. Supõem-se que essa questão tem raízes profundas no patriarcado. De certo modo, os meninos possuem mais acesso ao patrimônio da família do que as meninas. Por exemplo: os meninos podem criar animais, usar os automóveis (locomoção), tem mais chances de receber algum valor do pai, mais liberdade para irem às festas, jogos, entre outros.

Outro elemento que nos chama a atenção, é o fato de cerca de 8% da juventude camponesa, tanto meninos como meninas, quererem permanecer no campo, mas não com a família. Isto demonstra as dificuldades nos relacionamentos familiares em grande percentagem de famílias. O não acesso dos jovens a renda da família, a situação de não ter seu espaço próprio de produção e as questões afetivas e sexuais indicam esse resultado.

No geral, o diagnóstico, nos ajuda a visualizar os desafios que demandam maior incidência do MPA junto à juventude nos próximos







períodos. Possibilita ainda, verificar que mantemos um processo crescente de participação das mulheres em todas as dimensões do movimento, em especial a juventude com presença expressiva. Percebemos que há um número significativo de jovens que têm se identificado com a luta do movimento, se dispondo a tarefas da sua construção.

NOSSOS DESAFIOS

- 1. Nesse contexto e processo de afirmação e superação das relações desiguais devemos nos perguntar: qual é o papel da nova geração camponesa, da juventude feminina? De forma prática percebemos que as jovens do "nosso tempo" são capazes de impulsionar mudanças nas concepções e padrões da sociedade quando ousam dar passos em nome da dignidade, da liberdade, da autonomia e da transformação. Na atualidade, as jovens da nossa geração trazem consigo uma construção diferenciada de outras gerações em outros momentos históricos. Fiquemos atentas, pois nossas atitudes não podem ser voluntaristas, espontâneas e apenas expressar uma rebeldia desprovida do sentido da nossa verdadeira causa.
- 2. Na nossa caminhada é necessário considerar os desafios postos pelo modelo de sociedade em que são colocadas para as mulheres as situações de desigualdade, invisibilidade, violência, bem como os acúmulos históricos da luta pela emancipação e libertação das mulheres no cenário internacional. Hoje o conjunto das organizações que compõem a Via Campesina busca aprofundar o debate a respeito do "Feminismo Camponês Popular" que se apresenta como uma proposta para construção do feminismo com as mulheres do campo. Este se articula com a ampla dimensão da luta da classe trabalhadora, assim afirmamos o compromisso com a luta contra todas as formas de exploração e dominação do nefasto sistema. Comprometermo-nos com esta construção que precisa ter sequência em todos os territórios envolvendo homens e mulheres.







- 3. Com a clareza das questões que esse novo momento histórico nos envolve, devemos cotidianamente, em nossos territórios dar passos na construção do novo homem e da nova mulher. Nossa geração deve se comprometer com a construção de projeto estratégico de sociedade, construir novas relações, ressignificar o papel das mulheres na família, na sociedade e na luta. Para tanto, precisamos nos afirmar com protagonismo na construção da nossa história e da nossa classe.
- 4. Precisamos cada vez mais estabelecer um profundo compromisso com a "reconstrução da casa comum", cuidar da mãe terra (ser feminino) que tantas vidas e possibilidades gera para humanidade. Para tanto é fundamental afirmar a agricultura camponesa, o Plano Camponês, os sistemas camponeses de produção no esforço de consolidar nossas experiências que materializam nos nossos territórios a soberania alimentar e as nossas relações comunitárias e aliança com os trabalhadores da cidade. Naturalmente a juventude e a natureza feminina são dotadas de diversas capacidades que precisam ser fortalecidas e colocadas a serviço dos amplos processos de transformação da sociedade.

"O socialista que não é feminista carece de amplitude. Mas quem é feminista e não é socialista carece de estratégia!"

Louise Kneeland

13 - A Luta pela Terra e a Experiência da Juventude Camponesa no Pará

Quem são os jovens camponeses do estado do Pará que se encontra na luta do MPA? São filhos/as de camponeses/as que carregam consigo, sobretudo, a bandeira da luta pela terra, cultivam







o sonho de serem assentados da reforma agrária e de viver com dignidade no campo. São filhos/as de trabalhadores/as que resistem todos os dias contra o capital, a miséria, a fome, a falta de políticas para permanecer no campo, e que fazem a resistência por seus territórios. São filhos/as de muitos trabalhadores/as expulsos de suas terras por madeireiros, hidrelétricas, empresas de mineração, empresas de dendê, jagunços, pistoleiros, grileiros e até mesmo pelo braço armado do Estado com apoio do poder judiciário. São jovens que estudam buscando aperfeiçoar seus conhecimentos para viver no campo, porém, na escola onde estudam a educação que se transmite valoriza apenas a cidade, alimenta valores como individualismo e focam na preparação para o "mercado de trabalho" com seu sistema excludente e explorador que consome a nossa gente.

Esse processo que os jovens vivem, alimenta em muitos o desejo de retornar à terra, ao campo, assim compreendem a importância da luta em defesa de seus territórios, dos recursos naturais. Como sabemos, na Amazônia, a ação do capital é desenfreada, as empresas tentam apropriar-se das da natureza, das nossas mentes, corações, buscam converter tudo em força de trabalho. O lugar do povo é transformado em lugar das empresas que se instalam e transformam os camponeses e milhares de sujeitos em reserva de mão de obra para operar seu projeto de destruição e acúmulo de capital. Diante desse cenário segue a tarefa da resistência para permanecer no campo com um sistema de vida integrado à natureza. Assim a luta pela terra e território se encontra no centro da questão. Para o povo a terra e o território representam mais que um espaço, mais que acesso a um meio de produção. O sentido vai para muito além de ter um pedacinho de chão, de um lugar para morar quando chegar à velhice.

Compreendemos que estar na luta e lutar é uma necessidade de todo cidadão camponês que ver um horizonte, que quer ter dignidade e almeja a construção de um mundo melhor para a geração presente e futura. É importante destacar que os pais desses jovens que hoje estão na luta, tiveram pouco acesso à educação formal,



porém compreendem com profundidade e o sentido de educar seus filhos para luta nos processos que se materializam nos assentamentos, comunidades, jornadas de lutas, mobilizações, formações, etc. Assim combina formação, inserção e participação política para fortalecer a resistência que se dá também no enfrentamento direto ao agronegócio com a grande concentração terras, e nos impede na produção de alimentos saudáveis e na construção da nossa própria soberania.

Nesses últimos períodos buscamos fazer o esforço de realizar reuniões por municípios para refletir e avaliar a nossa caminhada dos últimos três anos. Agora queremos destacar elementos que demonstram nossa forma de organização e espaços nos quais estamos presentes. De início destacamos que nosso método de trabalho com a juventude parte da auto-organização nos territórios, que pode ser iniciada através da luta pela conquista da terra, pela direito de estudar, esporte, cultura, e em alguns casos para poder viver, pois sem a terra, o mato, rios, igarapés a sobrevivência fica totalmente ameaçada. Nos assentamentos coordenados pelo MPA, participamos de diversas atividades, isso já faz parte da vida cotidiana, nosso povo expressa alegria a cada passo da luta. No estado compomos também espaços de coordenações locais, contribuímos na organização interna das famílias, mutirões, produção de mudas, roças coletivas, coordenar reuniões, se dispõe a militar dentro e fora do município. As ações da juventude fortalecem o enraizamento da organização no estado, além de propagar a mensagem política em vários locais.

Temos buscado também avançar nas alianças, construindo e participando de espaços com outras organizações. Assim podemos observar que a juventude camponesa está presente nos espaços como coordenação, produção, militância, educação, mas também protagonizando ações que canalizam suas capacidades e disposição para construção do movimento. A realização do curso de formação de militantes em 2017 com maior presença de jovens e mulheres de diversos municípios, com a socialização de bons relatos dos processos de organização nos assentamentos, apesar da constante ameaça que



vivenciam, demonstra os avanços do trabalho e a efetiva contribuição da juventude, demostrando um grande potencial na luta pela terra, na preservação do meio ambiente, na luta por alimento, vida digna.

Enfim, seguimos. Grandes são os desafios que temos pelo caminho, grandes também são as nossas tarefas, as nossas certezas, convicções e desejo de materializar a conquista da terra, o controle dos nossos territórios. Sabemos que em todas as regiões do país há famílias sem terra, há jovens sem terra, por isso desejamos que tenham disposição para traçar essa luta necessária em todos os lugares. O povo precisa da terra e a terra precisa dos cuidados que só nosso povo camponês pode assegurar para a presente e futuras gerações.

14 - A Questão da Diversidade Sexual e de Gênero no MPA

[CONSTRUINDO O DEBATE NO MPA]

"Homens e mulheres acolher um tempo novo, novas gerações o cultivo da igualdade, com diversidade, entender o todo, segue em frente nosso povo, passo a passo à liberdade!"

Falar de juventude também é falar de diversidade sexual. Para a sociedade em geral, sobretudo para população camponesa, este é um tema espinhoso a se abordar, afinal, causa uma ruptura entre os entendimentos sobre sexo e sexualidades a partir das contradições entre as diferentes gerações. Entretanto, este é um tema que dialoga diretamente com a juventude, já que estamos sempre em busca do significado das palavras liberdade e respeito, em especial, da busca de ser o que se é. Nossos/as pais e mães assistiram durante muitos







anos este tema de maneira diferente da nossa, pois são fruto de um momento histórico bastante diferenciado dos dias de hoje. Foram criados/as, muitas vezes, em lugares onde não havia estímulos para este debate. Já hoje, podemos prever que os/as nossos/as filhos/as compreenderão este tema de maneira ainda mais ampla que nós.

Outros marcadores sociais como raça/cor/etnia e classe social colocam este tema em contradições ainda maiores. Vivemos numa sociedade - aqui falamos da brasileira — estruturada a partir de alguns marcadores culturais, políticos e socioeconômicos. O patriarcado, a divisão da sociedade em classes sociais e a injustiça social, que marca a chegada de pessoas vindas de diferentes continentes para nosso país, estruturam e marcam de forma hegemônica todas as relações sociais dos gêneros e as relações de opressão e poder até hoje constituídas. A imposição destes marcadores trazem grandes desafios entre os gêneros e, em especial, a juventude camponesa, que se constitui no seio desta diversidade.

Neste contexto, entender o papel da cultura, da religião e de outras instituições sociais, principalmente, as que traduzem a leitura do sistema capitalista, a partir de seu olhar colonial e patriarcal, é de fundamental importância para entender a discussão sobre o tema. É neste rumo que o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) tem levantado este assunto para entender e organizar a juventude camponesa brasileira. No MPA, o debate da diversidade sexual é bastante recente, nasce das provocações da juventude e passa a ser refletido, sobretudo pelo Coletivo de Gênero e pelo Coletivo de Juventude a partir do Congresso Nacional do MPA realizado em 2015.

Hoje, podemos afirmar que o movimento busca melhor compreender os/as sujeitos/as LGBT camponês/a que também se colocam na construção do movimento. Neste sentido, precisamos encarar os desafios desse processo e aprofundar a discussão para que juntos/as possamos superar as contradições da realidade. De início, é fundamental buscarmos informações para entender a discussão da diversidade sexual desde o Brasil. É fato que estamos







num lugar muito perigoso para ser gay, lésbica, travesti, transexual, intersexual ou qualquer pessoa que não se encaixe nas definições heteronormativas. No ano de 2017, foram registrados no Brasil 445 assassinatos de pessoas LGBTIs, sendo 01 (uma) vítima LGBTI a cada 19 horas. Este é um número progressivo se comparado com os registros dos anos anteriores¹. Há ainda os casos não registrados, os casos que não culminam em morte, os casos velados e os assédios psicológicos.

Ao lado disto, presenciamos um dado fatal: a expectativa de vida destas sujeitas e sujeitos, enquanto a expectativa de vida da população brasileira é, em geral, de 75 anos, a expectativa de vida das travestis e transexuais brasileiras são de 35 anos²: são 40 anos de vida roubada e este cenário põe a pensar e provoca a mudar esta realidade, dando o primeiro passo na reflexão sobre a diversidade sexual na realidade camponesa e o papel da juventude nesta ampla construção.

Ao longo da construção do MPA afirmamos o campesinato e o horizonte da luta revolucionária de caráter socialista. O projeto que defendemos coloca a urgente tarefa de construir as novas relações. Novas relações com os meios de produção, novas relações com a natureza e novas relações humanas. Portanto, estas novas relações devem começar a ser construídas hoje, com expressão prática cotidiana. O hino de nosso Movimento sinaliza de forma bastante bonita essa compreensão: "homens e mulheres acolher um tempo novo, novas gerações o cultivo da igualdade, com diversidade entender o todo". Assim afirmamos que na nossa marcha todos /as, mais do que bem-vindos/as, são necessários/as a nossa luta.

Acontece que para viver essas novas relações humanas tão sonhadas é preciso um pequeno esforço para perceber que cada indivíduo é formado por aspectos biológicos, psicológicos,





¹ Dados apresentados pelo Grupo Gay da Bahia. Disponível em: http://www.ggb.org.br/

² Dado apresentado pela Organização das Nações Unidas no Brasil. Disponível em: https://nacoesunidas.org/



sociais e históricos diferenciados. A **sexualidade** humana só pode ser entendida como uma combinação entre estes quatro fatores. A ideia que deve ser abolida é a de que sexualidade e sexo é a mesma coisa. É preciso entender que sexo é uma característica anatômica e fisiológica dos seres humanos e **gênero** é a construção social a partir do sexo. A espécie humana é composta por machos e fêmeas, mas é a partir da cultura que se dá a condição do ser homem e do ser mulher. Assim, a sexualidade pode ser entendida como uma combinação entre gênero e sexo, e tem haver com as experiências individuais das relações sexuais, do erotismo, da intimidade e do prazer. Entendendo a complexidade que é a sexualidade humana é importante visitar alguns termos que orbitam por este tema:

- Orientação sexual: refere-se à atração sexual e afetiva por determinado gênero/sexo. Não devemos utilizar o termo opção sexual, pois a orientação sexual é determinada por uma condição, algo que esta imbricada em nossa personalidade e não somente em uma escolha.
- Homossexual: quando uma pessoa se sente atraída por uma pessoa do mesmo sexo/gênero. Pode ser gay, quando um homem se sente atraído por outro, ou lésbica, quando uma mulher se sente atraída por outra mulher.
- Heterossexual: quando uma pessoa se sente atraída por uma pessoa do sexo/gênero oposto.
- Bissexual: quando a pessoa é atraída por ambos os sexos/ gêneros.
- Identidade de gênero: é algo pessoal, é como cada sujeito se reconhece e deseja ser reconhecido socialmente.
- Transexual: é a definição para aquelas pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente da definida no nascimento. Comportam-se como sendo do sexo oposto. Podem, por livre escolha, submeterem-se a intervenções cirúrgicas ou medicamentosas para se assemelharem ao gênero que se identificam.



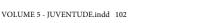




- Intersexual: descreve pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que não podem ser classificados como sendo caracteristicamente masculinos ou femininos.
 - Transgênero: quando a pessoa transita entre os gêneros.
- DragQueen e DragKing: Homem e mulher, respectivamente, que usa roupas femininas e masculinas, também respetivamente, de forma extravagante para apresentações artísticas. Pode ser considerado profissão.
- LGBTIfobia: é o termo utilizado para o medo, o ódio, o repúdio aos sujeitos LGBTIs.
- Heteronormatividade: ideia de que o correto para todos os seres humanos é o comportamento padronizado heterossexual. Como se fosse único valido socialmente, nega outras identidades e expressões em sua diversidade.

Afirmamos que é urgente aprofundarmos o debate LGBT no conjunto do nosso movimento, pois precisamos avançar nos processos de construção das novas relações na sociedade. É fato que historicamente, os jovens camponeses LGBTIs vivenciam um contexto complexo nas suas realidades pelo fato da não aceitação do seu SER por parte da maioria das pessoas da sua família e comunidade. Nos processos de formação realizados mais recentemente, percebemos um grande anseio da juventude por esse debate, sobretudo nas comunidades camponesas. Assim, afirmamos que é importante e urgente agir para gerar a nova consciência no nosso povo que precisa barrar os processos de violência que avança degradando diversas dimensões da vida humana. Avançar é preciso. Plantemos no cotidiano as possibilidades reais para que a juventude LGBTI siga construindo seu futuro no campo.

"Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres". Rosa Luxemburgo.







15 - Juventude e Afetividade Revolucionária

Não existe nem uma receita de como fazer uma revolução. Nunca foi e nunca será igual, mudam os territórios, mudam os contextos históricos, mudam as pessoas. Uma das poucas coisas que se repetem é a necessidade da afetividade para uma revolução acontecer. Um teórico brasileiro da nossa luta, Ademar Bogo, escreveu uma vez sobre o papel da afetividade na cultura da Revolução. Ele começou dizendo que "na história da teoria da revolução, a afetividade aparece como um sentimento concreto importantíssimo para garantir a unidade política das organizações e das lutas", seguiu a reflexão e concluiu dizendo que devemos lutar para sermos "livres, da propriedade privada, do capital, do Estado capitalista, da cultura e da moral burguesa, e, dos valores desta sociedade", então, "para edificarmos os homens e as mulheres do século XXI, verdadeiramente humanos e emancipados", será necessário darmos um pulo.

Neste mesmo texto, Bogo utiliza citações de 16 autores que escreveram sobre as dimensões da afetividade na realidade concreta e utiliza, também, o exemplo de como a afetividade é crucial para a revolução acontecer. Como exemplo, Che Guevara, defensor da ideia de que "todo revolucionário deve ser movido por grandes sentimentos de amor", que pode ser percebida, por exemplo, na lealdade política de Marx e Engels, os pais do marxismo, que nos dá base para desenvolver nossas análises. E assim por diante. Gramsci quando escreveu que a "amizade não pode ser separada da verdade e de todas as asperezas que a verdade implica". E também Ho Chi Min, líder revolucionário vietnamita, quando avisou que "as massas só dão afeto àqueles que são dignos dele por sua conduta e por suas virtudes". Até mesmo o líder revolucionário moçambicano, Samora Machel: "para nós o amor só pode existir entre pessoas livres e







iguais, que possuem um ideal de engajamento comum, ao serviço das massas e da Revolução".

Esse contexto, nos leva a compreender que ter afeto revolucionário é entender o amor, ser verdadeiro, ter boa conduta, cultivar virtudes, ser engajado, entre tantas outras extensões. Assim, o afeto é uma grande responsabilidade e não deve ser negligenciado. Para viver e entender as construções sociais que se dão nestes tempos é importante entender que a afetividade se constrói. Para os militantes, essa deve ser uma construção de maneira revolucionária com liberdade e responsabilidade. A nossa juventude, que são os novos homens e novas mulheres em construção para uma sociedade livre do patriarcado, do capitalismo e do colonialismo, mais do que ninguém, precisa entender a complexidade deste tema. Ele é latente nestes tempos líquidos, onde tudo é efêmero e o vírus do *lumpen-proletariado espiritua*l faz as pessoas viverem somente pelas questões básicas do presente, não se importando com a história e com os rumos do futuro.

Cunhado pelo polonês Andrzej Stasiuk, o termo lumpenproletario espiritual é explicado pelo também polonês Zygmunt Bauman na obra "Vida Líquida", como uma espécie de vírus, criado pelo capitalismo para incentivar o consumismo. Quem é afetado por ele vive somente para duas coisas: "sobreviver (tanto quanto possível) e para obter satisfação (o máximo possível)". É importante entender que a vida líquida é a vida de consumo, como um líquido, tudo escorre de maneira muito rápida, nada é sólido, inclusive o amor, os relacionamentos. Caso os relacionamentos apresentem dificuldades, contradições ou até expectativas desleais, simplesmente eles são descartados, trocados, uma vez que há possibilidade de se trocar por outros relacionamentos, com outras pessoas, com outros objetos. E o vírus lumpen-proletario espiritual atua neste sentido, porque o jovem alienado quer experimentar a eternidade toda em um momento só. A lealdade não é mais motivo de orgulho, na verdade, ela tornou-se motivo de vergonha. Resta saber se é este tipo de afetividade que nos interessa construir, praticar e a quem ela interessa.







Para Bauman há dois valores essências para a vida humana, são elas a liberdade e a segurança. Uma não pode existir sem a outra, mas quando se tem mais segurança, perde-se um pouco de liberdade, e se queremos um pouco mais de liberdade, entregamos parte de nossa segurança. Isto deveras é muito curioso e nos mostra que é necessário viver nossa liberdade afetiva com responsabilidade ética, ou responsabilidade afetiva. É preciso entender e ensinar, por meio de nosso exemplo, que as pessoas tem sentimentos e emoções, que precisam ser cuidadas, a vida do outro não pode ser vista como objeto, que pode ser usado e logo em seguida descartado. Isto foge totalmente da ideia das relações humanas que queremos construir na nova sociedade.

É preciso construir uma sociedade onde nossa liberdade não seja sacrificada em nome da nossa segurança e nem nossa segurança sacrificada em nome da nossa liberdade. Essa frase foi uma livre inspiração do pensamento de Rosa Luxemburgo e será dela a provocação final: «há todo um velho mundo ainda por destruir e todo um mundo novo a construir. Mas nós conseguiremos jovens amigos, não é verdade?». Com esse texto temos a intensão de provocar, despertar nos jovens uma reflexão inicial sobre o tema da afetividade, que apesar de ter sua relevância na formação política da militância, tem sido pouco considerado nos últimos períodos.

No trabalho que temos buscado desenvolver com a juventude camponesa no MPA — Movimento dos Pequenos Agricultores - ao logo desses últimos cinco anos, a partir da organização das Brigadas, observamos que o tema da afetividade tem sido bastante recorrente. Os jovens, por se encontrarem em uma fase da vida que provoca muitas inquietudes, e por estarem em meio a uma sociedade que não trata com a devida coerência questões que se relacionam com os aspectos mais subjetivos da vida dos jovens. Estes, por sua vez, passam a serem portadores da necessidade de encontrar nos espaços de formação dos movimentos um ambiente que o possibilite tratar das suas questões subjetivas, como a afetividade que mexe com diversas dimensões da vida e da construção militante.







Considerando a demanda por esse debate, em 2018, na 2ª Escola Nacional de Brigadistas do MPA, realizada em São Paulo, possibilitamos um debate inicial sobre o tema e ficamos devendo elementos de aprofundamento para que a reflexão tenha sequência nos espaços da juventude. Assim desejamos que cada jovem no seu cotidiano tenha a oportunidade de conhecer e assimilar conteúdos que nos ajudem a compreender e a construir com convicção o novo homem, a nova mulher, a nova sociedade. Esse processo demanda de nós um esforço cotidiano para romper com os valores, práticas, padrões, vícios que a sociedade capitalista nos impõe.

Um mudo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres!

Rosa Luxemburgo

16 - O Exercício Físico e a Saúde da Militância em Questão

CONSTRUINDO O DEBATE NO MPA

Nos últimos períodos é evidente o crescimento dos desafios da classe trabalhadora diante do avanço do sistema capitalista no mundo que, com sua forma de produção e organização, oprime, explora, ameaça, expulsa dos territórios, retira direitos e se apropria dos recursos da natureza. No Brasil, sofremos uma ofensiva conservadora com duras perdas de direitos históricos diante do projeto golpista instalado em 2016, que nos coloca numa correlação de forças extremamente desigual. Nesse cenário, cresceram os desafios dos movimentos sociais e da militância. Nossa luta passou a ser mais exigente e nossas tarefas cotidianas se ampliaram. Porém, a militância orgânica dos movimentos, com convicção, preparação e projeção do



(lacktriangle)



horizonte estratégico, precisa atuar junto ao povo com a clareza de quem são os nossos inimigos, construindo saídas para os problemas que estão postos e, com todo trabalho de base e de massa, acumular forças para avançamos na construção de um projeto popular para o Brasil com a luta pela tomada do poder que se constitui na tarefa central da nossa estratégia revolucionária.

Diante desse cenário, precisamos conversar sobre os militantes e sua saúde. Recolocar na roda esse tema é assumir no movimento a tarefa individual e coletiva do cuidado com a militância na complexa conjuntura, visto que os militantes se constituem no principal bem de um movimento social, pois carregam em si o compromisso com o processo da luta revolucionária. As ações do capital provocam, cotidianamente, consequências negativas na vida dos trabalhadores e trabalhadoras. O machismo, o racismo, a intolerância e o padrão de produção e consumo nos adoecem o corpo e a alma. Esse sistema deixa-nos desprotegidos, despreparados, desatentos, apressados e atarefados, o que acarreta, muitas vezes, no descuido com a saúde individual e coletiva dos militantes no movimento.

Inicialmente é importante destacar que todo militante necessita reconhecer o seu corpo como uma ferramenta de luta que precisa estar bem cuidada e em equilíbrio para funcionar bem em todos os momentos. Para tanto, precisamos nos disciplinar individualmente nessa tarefa. Sabemos que o cuidado com a saúde tem diferentes dimensões. Aqui, trataremos de uma dessas dimensões, ou seja, da realização diária de atividades físicas. Para tanto, é importante resgatarmos o exemplo de alguns lutadores e lutadoras do povo que buscaram construir outra sociedade e nos deixaram legados importantes que, na atualidade, precisam ser lembrados. Comecemos com Zumbi dos Palmares. Um guerreiro que lutou pelo fim da escravidão no Brasil e era admirado por conhecer técnicas militares, além de jogar, dançar e lutar capoeira. Zumbi cuidava do seu corpo e, com isso, de sua mente. Tinha noção do tamanho da sua luta diária e do quanto precisava estar preparado para enfrentar os inimigos e a tarefa de organização o povo.







Outro nome que pode ser destacado é o de Olga Benário, da Internacional Comunista, uma mulher que tinha conhecimento das estratégias em suas mãos. Quando estava presa na Alemanha, sofrendo várias torturas pelos nazistas, fazia atividades físicas todos os dias, tanto individualmente quanto com as outras prisioneiras. Mesmo na prisão não se descuidava do corpo, por entender que este era o seu instrumento de luta, importante para a construção da revolução. E assim se tornando uma referência entre as prisioneiras. Além de fazer exercícios físicos, também lia poesia para cuidar sua mente e alma. Olga tinha clareza da sua tarefa enquanto militante e, por isso, buscava nas atividades físicas a força necessária para não se abater com tanto sofrimento e enfrentar qualquer conjuntura e desafios que pudessem vir.

Aqui não podemos deixar de lembrar Carlos Marighella, da Ação Libertadora Nacional. Conhecido por sua coragem e ousadia, escreveu o "Manual do Guerrilheiro Urbano". Além de estar preocupado com a sua qualidade de vida, escreveu para toda organização um manual que diz: "Ninguém pode se converter em guerrilheiro urbano sem prestar particular atenção à preparação técnica. Esta preparação técnica do guerrilheiro urbano baseia-se na sua preocupação pela preparação física, seu conhecimento e no aprendizado de profissões e habilidades de toda classe, particularmente as habilidades manuais". Fazer caminhada foi à primeira orientação de Marighella sobre preparação física, no manual para militantes da ALN. Durante o período em que esteve preso, esse grande lutador também escreveu poemas.

Marighella, Zumbi, Olga e outros lutadores/as entendiam que a preparação física é importante para vida dos militantes, pois também dá suporte mental para superar conjunturas pesadas e difíceis como da ditadura e da colonização do Brasil. Isso não se diferencia do atual momento que estamos vivendo no país. Portanto, a reflexão sobre o cuidado com a saúde, o exercício físico como uma dimensão desse cuidado na vida de cada militante é um legado importante des-







ses lutadores da luta revolucionária que seguem inspirando a nossa caminhada de resistência e esperança.

No contexto dessa reflexão devemos afirmar que atualmente, no MPA, todo militante deve, independente da tarefa que desempenhe, cuidar da saúde e fazer exercícios físicos diariamente. Isso significa que um movimento como o MPA, que compreende bem o papel da militância na construção da organização, precisa recuperar e aperfeiçoar cada vez mais a cultura do cuidado, o que demanda desenvolver mecanismos e orientações para tal necessidade individual e coletiva.

Nesse processo é importante olharmos para dimensão da juventude que está se construindo como militante na luta camponesa. No MPA tem sido crescente a identificação, envolvimento e participação dos jovens na construção do movimento em tarefas para quais é convocada, para a construção das brigadas que se constituem no espaço de organização, formação e ação política da juventude. As brigadas possuem, dentre outras, a importante tarefa de realizar ações de agitação e propaganda na perspectiva de alimentar o trabalho de base e de massa. Para tanto, trata-se de um grupo que precisa elevar seu patamar de disciplina e preparação teórica e prática.

Nessa perspectiva, é importante lembrar que, desde 2013, quando realizamos a brigada de luta contra a Monsanto, em Petrolina, no estado de Pernambuco, temos dado passos importantes no trabalho de formação e ação com a juventude. A partir dessa experiência o exercício físico passou a compor o método das escolas de formação dos jovens brigadistas. Neste sentido, consideramos o elemento da preparação física de cada jovem brigadista fundamental para sua construção militante e para o bom desenvolvimento das suas tarefas. Mesmo entendendo que o tempo é relativo, orientamos a juventude a praticar exercícios físicos durante todos os dias do ano, de 30 minutos a 1 hora, não exigido habilidades, e sim disciplina.







Inicialmente, podemos focar na prática da caminhada, que pode ser realizada em qualquer lugar, respeitando-se o limite de cada um, mas de forma que experimente fazer um pouco mais a cada dia. Assim é importante compreender que:

- A caminhada tornar-se hábito, pois tornará o corpo mais eficiente: pulmão, coração, circulação, controle da respiração, manutenção do equilíbrio do peso, além de melhorar a sensação de bem--estar, controle da ansiedade;
- É importante mudar o local da caminhada para que seu corpo e mente não se acostumem com o mesmo caminho. Quando se muda o local da caminhada, o cérebro terá que realizar novas conexões, pois terá que prestar mais atenção e isso o deixará mais atento, renovado, conhecedor de novas pessoas;
- Definir um horário adequado para caminhar, que se adeque à sua rotina e garante a continuidade;
- Propor atividades físicas nos momentos de reuniões e formação da militância, pois essa prática tem que estar internalizada em toda a militância, não apenas na juventude;
- É uma tarefa de cada militante e do coletivo. Por isso, devemos agregar mais militantes a essa compreensão;

Não devemos ficar apenas na caminhada. Sejamos cuidadosos e ousados: pratiquemos futebol, capoeira, maratonas, etc. Cuidemos da nossa alimentação, tomando bastante água diariamente. Reservar tempo para dormir, descansar, ouvir música, cantar, dancar e fazer outras coisas necessárias à vida. Ficar atentos ao consumo de bebidas e outros tipos de drogas que comprometem a saúde e a ação militante. Evitar a exposição desnecessária e observar os sinais do corpo. Cuidar da alimentação, variada e saudável. Estudar e compreender questões básicas de saúde, buscar tratar de possíveis problemas de saúde com tratamentos naturais e preventivos.







Compreendendo e seguindo essas orientações, avançamos e vamos melhorando nossa saúde e a qualidade das nossas ações. Se o corpo não está em equilíbrio, não temos toda a capacidade física e psíquica para tocar as nossas tarefas na luta. Para conseguir proteger o companheiro ou a companheira, temos que conseguir nos proteger. Portanto, cuidar do nosso corpo é, de fato, um ato revolucionário.

Sigamos, camaradas! Com a clareza de que a militância da luta revolucionária constrói valores contrários aos do sistema capitalista. Com sua postura e comportamento, a militância afirma um projeto de transformação e, assim, constrói valores em defesa da vida e da construção Socialista. O cuidado, portanto se constitui em um importante valor e ato revolucionário na prática militante. Que possamos construir uma geração de militantes disciplinados e identificados com as grandes tarefas desse momento histórico e com o exemplo de lutadores/as que nos antecederam! E que sejamos exemplo para outros que virão a compor as nossas fileiras para avançarmos na luta geral revolucionária!

17 - Os Bastões como Instrumento de Defesa dos Territórios

Na luta em defesa de nossos territórios e na resistência contra as violências do Capital e do Estado são necessários três elementos: UNIDADE, DISCIPLINA e TRABALHO COM POVO. Isto só será possível se aplicarmos em nossas práticas valores que permita nossas organizações superar as relações sociais impostas pelo sistema capitalista, construindo desde já novas relações sociais.

Nossos projetos políticos têm dois desafios: O primeiro desafio é o discurso, expresso na nossa proposta política, na soberania alimentar, na nova base produtiva, entre outros aspectos do Plano Camponês. E o segundo desafio expresso na criação de autonomia,







quando nosso agir é aqui e agora, onde o elemento territorial é o elemento principal para nossas ações, por exemplo, a agroecologia, os projetos de sustentação da aliança campo-cidade. E esta proposta bate diretamente no capitalismo, porque, ao mesmo tempo em que apresenta suas contradições, mostra que nós temos uma proposta de agir da nova sociedade. O capitalismo quer destruir nossas memórias e liquidar nossas possibilidades de mobilização e organização. Por isso precisamos criar mecanismos que, ao mesmo tempo em que barre as investidas de desmonte da cultura e identidade popular, também nos encoraje a ir à luta e reforçar nossa capacidade de organização e luta.

Os aspectos culturais das nossas ações para autonomia nos nossos territórios têm que recuperar o pensamento e experiências desde as raízes dos povos originários, tradicionais, campesinos, afrodescendentes. Um exemplo desta recuperação cultural é a valorização e o cuidado das sementes crioulas, a recuperação e manutenção de nascentes e florestas, rememoração das nossas lutas e lideranças. Parte disto é a apropriação dos bastões de responsabilidade.

Os bastões de responsabilidade tem sua origem nos bastones de mando, uma prática que vem de diferentes comunidades indígenas. Essa prática é uma relação de autoridade em sua comunidade, que é constituída por aspectos como a sabedoria, a experiência em um trabalho e também a capacidade de dirigir escutando a sua comunidade, de modo a saber obedecer e saber ordenar.

Os bastões consistem em um instrumento feito com madeira de boa qualidade (60-80 cm) que significa a relação do pensamento com o território e principalmente ligado com a capacidade de tomada de decisão e ornamentado com fitas coloridas que significam a simbologia das lutas. Também tem uma alça de tecido que permite carregá-lo para outras comunidades em prol da solidariedade e articulação entre os povos. O bastão é individual, intransferível e expressa uma responsabilidade política, uma disposição para contribuir quando necessário e também como um instrumento de defesa frente às ameaças dos inimigos em nosso território, seja para bloquear ou para defender-se. Quem tem um bastão deve ter uma formação política, ideológica e física.







Para o MPA falamos de um bastão de responsabilidade que representa a disciplina, o auto cuidado, coragem, inteligência, a defesa do nosso projeto político e construção do poder popular. O bastão de madeira representa nossa relação de respeito com a natureza junto com o compromisso de trabalho com o povo, com as nossas comunidades, representa nossas raízes. Bastão é símbolo de resistência na defesa do exercício de nossa autonomia e auto determinação tanto dos nossos territórios como na construção da soberania nacional e popular.

A juventude do MPA, quando recebe o bastão de responsabilidade, está se dispondo a um processo profundo de organização, formação e ação. Representa o compromisso com a memória dos lutadores da classe trabalhadora, da construção do trabalho político-organizativo e o exercício de recriar suas ideias e sua visão de mundo dentro da proposta do Plano Camponês. O bastão da responsabilidade também representa a missão de ser um guardião e guardiã no sentido de defesa e cuidado, seja do território, seja do projeto político e das pessoas que o compõe. Ser um(a) guardião(ã) significa alimentar sua espiritualidade se reconhecendo como um sujeito em potencialidade de agir, de indignar-se com as desigualdades e injustiças do mundo e a capacidade de transformar isso em trabalho coletivo dentro de uma organização.

Por isso o MPA vem se nutrindo da experiência de luta e organização dos povos na ressignificação e na utilização da simbologia indígena campesina para defender os territórios; ressignificando a utilização destas simbologias como forma de reinventar e até mesmo inventar novos modos de viver a cultura em nosso projeto de organização de sociedade que demanda nossa capacidade criadora e criativa.







Nossa Arte

Rafaela Alves

A arte que produzimos
Não está no palco parada
Está na terra plantada
Brotando convicção
Envolvendo uma geração
No movimento da história
No resgate da memória
A cultura vem na guia
Canta, dança, rebeldia
Na luta rumo à vitória.

Nossa cultura vem da roça Teatro, poema, canção Cheiro de transformação No sonho de liberdade Do campo e da cidade Juventude faz a frente Organiza, faz diferente O Raízes Nordestinas No passo desfaz as sinas O povo mais consciente. O trabalho é ferramenta
Nasceu da realidade
Inspiração semiárida
Convivência apreendida
A cultura tá na vida
Resistência camponesa
Criatividade é riqueza
Povo aqui tem de sobra
É bela a nossa obra
Segue o plano camponês.

É necessário, portanto
A juventude seguir
A experiência repartir
O sonho, a esperança
O desejo de mudança
Organiza arte engajada
É preciso a derrubada
Da indústria, do capital
O movimento é vital
Para luta encorajada.

Inspirado na experiência do Grupo de Teatro Raízes Nordestinas Poço Redondo (SE)







TEXTOS ONLINE

Acesse a página do MPA e do ICPJ na Internet (www. mpabrasil.org.br e www.padrejosimo.com.br) e obtenha novos textos para estudo e debate. Alguns dos títulos disponíveis para dar continuidade aos debates desta publicação:

- 19 As Tarefas Revolucionárias da Juventude Camponesa no MPA
 - 20 Participação da juventude nas lutas por direitos sociais e processos democráticos de caráter popular
 - 21 Considerações sobre a construção de um programa para iuventude brasileira
 - 22 O Funcionamento das Brigadas e o Ateliê Popular no MPA
 - 23 Juventude Camponesa e a Comunicação Popular
- 24 Juventude Camponesa na Construção da sua Autonomia no Campo
 - 25 Educação Camponesa e a Juventude Camponesa
- 26 Uma Leitura sobre a Memória Histórica da Resistência Negra
 - 27 O Exercício da Disciplina Militante
 - 28 Organização Popular, Dinâmica de Grupo e Lideranças

www.mpabrasil.org.br > Paiol Camponês > Textos da Juventude > Acesse os textos individualmente

www.padrejosimo.com.br > Loja > Ebook "Temas para estudo e debates" > Faça o donwload gratuito em PDF







•



